

WAGNER BUTESEKE



**O CHAMADO:
Características e conseqüências da vocação ministerial**

FACULDADE BATISTA PIONEIRA
IJUÍ
2011

WAGNER BUTESEKE

**O CHAMADO:
Características e consequências da vocação ministerial.**

Trabalho apresentado para cumprir as exigências da disciplina de TCC II do Curso de Bacharel em Teologia, ministrada pela professora Marivete Z. Kunz.

FACULDADE BATISTA PIONEIRA
IJUÍ-RS
2011

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

O CHAMADO
Características e conseqüências da vocação ministerial

Autor: **Wagner Buteseke**

Orientador de Conteúdo: **Vanderlei Schach**

Avaliador de Forma: **Claiton André Kunz**

Avaliador de Português: **Luciano Soares Gonçalves**

Avaliador Final: **Erich Luiz Leidner**

Média Final

Aprovado em __/__/__

IJUÍ
2011

RESUMO

O chamado para o ministério é um assunto relevante dentro da prática eclesial, porém pouco explorado nos últimos tempos. Um tema intrigante devido às suas múltiplas formas. Cada chamado é composto por uma gama de experiências individuais e coletivas que raramente obedece a uma ordem. A falta de informações básicas sobre este assunto tem sido apontada como um dos principais motivos para o abandono recente do ministério. Considerando estas realidades, a presente pesquisa tem por objetivo encontrar o fator comum em uma situação de chamado, utilizando-se como base o chamado para o ministério pastoral. O método utilizado para o alcance do objetivo é através da definição, como era visto e entendido o chamado no Antigo e no Novo Testamento, seguido de um exemplo em ambos os Testamentos. A caracterização, ou seja, quais as principais características de um chamado, o papel da convicção e consciência do chamado, como se aceita, como se identifica, as marcas de uma vocação autêntica. Faz-se um apontamento das consequências de um chamado, com o que o indivíduo vai lidar após aceitar o chamado, o que o espera. No desenvolvimento da pesquisa evidencia-se mais que um fator comum, observam-se diferenças e semelhanças, destacam-se características e consequências. A terminação da pesquisa confirma e relaciona a falta de informações sobre o assunto como a fonte de muitas desistências pastorais. O que é chamado? Quais as características de um chamado? Quais as consequências do chamado? As respostas a essas perguntas resumem o conteúdo desta pesquisa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
I – DEFINIÇÃO DE CHAMADO	9
1.1 Conceito de chamado	9
1.2 O chamado no Antigo Testamento	10
1.2.1 Definição.....	10
1.2.2 Visão e vocação	12
1.2.3 Exemplo: Moisés	12
1.3 O chamado no Novo Testamento	14
1.3.1 Definição.....	14
1.3.2 Exemplo: Pedro	16
II – CARACTERÍSTICAS DE UM CHAMADO	20
2.1 Entendendo o chamado	20
2.1.1 Consciência e convicção.....	21
2.1.2 Um chamado específico.....	23
2.2 Aceitando o chamado.	24
2.3 Motivações erradas.....	26
2.4 Exemplo: Simão, o mágico	29
2.5 Marcas de um chamado vocacional autêntico	31
2.5.1 Vida íntegra	31
2.5.2 Desejo profundo.....	32
2.5.3 Reconhecimento da igreja.....	34
2.5.4 Autoridade espiritual	35
2.5.5 Visão missionária.....	35
2.6 Fugindo do chamado	36
2.7 Confirmação do chamado	38
III – CONSEQUÊNCIAS DO CHAMADO.....	41
3.1 As Lutas	41
3.2 Segurança e insegurança	43
3.3 A relação do pastor com a igreja.....	44
3.4 Bênçãos de um chamado genuíno.....	46
3.5 Um alerta geral.....	48

CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

O chamado, somente esta palavra não é suficiente para entender o conteúdo da presente pesquisa, pois esta palavra nos remete a uma gama muito ampla de significados, entre os mais comuns, como simplesmente chamar uma pessoa pelo nome, ou com significado mais específico, como o chamado para a salvação. A presente pesquisa concentra-se no chamado vocacional, ou seja, o ato onde Deus convoca pessoas para atuarem em um ministério integral ou parcialmente.

O próprio ministério cristão é diversificado, abrangendo várias áreas de atuação. Tendo este pano de fundo como base, a presente pesquisa direcionou-se ao mais comum tipo de vocação cristã; a vocação pastoral. O chamado pastoral é naturalmente desenvolvido ao longo da pesquisa, pois o assunto é amplamente discutido nas bases bibliográficas formadoras da pesquisa. Mesmo assim, os conceitos abordados nesta obra podem ser aplicados, de certa forma, para se entender qualquer tipo de vocação cristã. As palavras “chamado” e “vocação” são consideradas sinônimos nesta pesquisa e utilizadas aleatoriamente ou conforme a preferência da fonte consultada.

O desafio que o tema propõe caracteriza-se por sua individualidade e subjetividade. Cada ministro chamado por Deus, cada pessoa que se sente impelida para o ministério cristão, compartilha a sua experiência de chamado e cada relato de chamado é composto por elementos particulares e outros elementos de cunho generalizado. Vistas essas observações, entre os principais objetivos da presente pesquisa, um deles é detectar quais os fatores que podem ser considerados comuns em um chamado.

Abandonos ministeriais passam a ser observados com frequência, atualmente, e um dos fatores que podem estar contribuindo para esse triste fenômeno é a falta de clareza no assunto “chamado”. Constatando-se esta realidade, a pesquisa pretende ser uma obra que vai contribuir na prática eclesial relacionada à vocação. Um manual objetivo e esclarecedor que visa trazer conhecimento aos que dizem sentir um chamado de Deus, para que estes não ingressem no ministério cristão vocacional sem as devidas informações relacionadas ao pré-requisito para este, ou seja, o chamado. A pesquisa pode ser utilizada também por pastores e líderes para facilitar a identificação dos vocacionados no dia a dia da igreja. A metodologia empregada desenvolve-se da seguinte forma:

Realiza-se uma conceituação e definição do termo “chamado” em harmonia com o objetivo da pesquisa; seguindo, define-se o termo dentro da realidade bíblica do Antigo Testamento, a palavra hebraica utilizada, como o assunto era visto e como normalmente aconteciam as situações de chamado. Para uma análise mais prática é citado o chamado de um personagem como exemplo. Da mesma forma o assunto é abordado no Novo Testamento, a palavra grega utilizada e como acontecia, seguido também de um exemplo.

Na sequência tratam-se as características do chamado, como entender o chamado, a importância da convicção, como aceitar, o perigo das motivações erradas, quais as características presente em um candidato ao ministério pastoral, a relutância e, por fim, a confirmação.

O terceiro e último tópico da pesquisa reflete sobre as consequências do chamado. Trata-se de um pequeno esboço do que vem logo depois do chamado, as lutas a serem enfrentadas, o relacionamento com a igreja, a segurança e a insegurança do ministério, as bênçãos que um chamado genuíno proporcionam e finaliza com um alerta geral que diz respeito ao abandono precoce do ministério.

I – DEFINIÇÃO DE CHAMADO

1.1 Conceito de chamado

O vocabulário bíblico apresenta a uniformidade destas duas palavras, bem como o seu comum significado, definindo a palavra “chamada” como alguém revestido de uma vocação, afirmando que essas são expressões únicas.¹

No dicionário da Bíblia de Almeida, encontra-se a seguinte definição para a palavra “chamar”: “Convocar certas pessoas para que se dediquem a trabalhos especiais no Reino de Deus (Rm 1.1). Também essa convocação é uma decisão divina, tomada desde a eternidade (Is 49.1,5; Jr 1.5; Gl 1.15)”.²

A palavra “chamada” alcança vários significados: em primeiro lugar, dar nome a uma pessoa ou coisa, ou até mesmo, ser chamado por um nome; convidar ou solicitar alguém, nomear para algum ofício; convidar alguém para assumir alguma responsabilidade mediante uma palavra.³

O chamado torna-se plenamente religioso quando a pessoa o vê em seu contexto e sente-se chamada por Deus para executar o seu trabalho. O significado religioso do chamado é viver sempre diante de Deus, fazer sua vontade e ser fiel em seu trabalho.⁴

Ao utilizar-se o termo vocação, encontram-se muitos sentidos interligados, que podem até mesmo ultrapassar o sentido religioso; vocação está ligada ao “ato de chamar” alguém para exercer uma atividade específica. Mas o sentido torna-se mais específico quando se trata de vocação religiosa. A vocação religiosa refere-se a um conjunto de relações, do qual fazem parte a pessoa que é vocacionada e toda a sua experiência subjetiva, bem como o contexto religioso do qual ela faz parte e as exigências deste contexto.⁵

O termo tem sido usado, de uma forma bem mais restrita e técnica, para se tratar do chamado de Deus para a obra do ministério, nas mais diversas formas, e principalmente para função ministerial de tempo integral.⁶

¹ ALLMEN, J. J. V. Vocabulário bíblico, p. 81.

² WERNER, K. Dicionário da Bíblia de Almeida, p. 41.

³ CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, v.1, p.710.

⁴ ROSA, M. Psicologia da religião, p. 209.

⁵ SOUZA, A. B. Vocação e espiritualidade no Antigo Testamento, p.17.

⁶ ELWELL, W. A. Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã, v. 3, p. 630.

Após essas explicações sobre chamado, a definição de Lutzer complementa a ideia do chamado: “O chamado de Deus é uma convicção interior, dada pelo Espírito Santo e confirmada pela palavra e pelo corpo de Cristo.”⁷

1.2 O chamado no Antigo Testamento

1.2.1 Definição

A palavra hebraica para chamado é *aeer:iq;* (qârâ). A raiz desta palavra denota a enunciação dirigida a um receptor específico com o objetivo de receber uma resposta direta; pode-se traduzir por “apregoar”, “convidar”, e poucas vezes expressa um simples clamor. Essa palavra também tem a conotação de chamar alguém para uma tarefa específica. Vocábulo utilizado para designar aqueles que no meio do povo Israel eram “convocados para fazerem parte da assembleia da congregação”.⁸

O dicionário Vine complementa esta ideia: “a especificação de um nome”. Nomear, no Antigo Testamento, expressa soberania, neste caso a soberania de Deus, que além de chamar homens, desde o princípio chama à criação todas as coisas. O verbo também é usado para indicar um chamado específico para uma tarefa específica. Outra ênfase de *qârâ* é convocar, com freqüência essa convocação é de forma amigável, com o sentido de “convidados”; esse verbo, quando usado em contextos judiciais, tinha o sentido de “intimação” e era também utilizado para convocação em um sentido militar.⁹

Em alguns casos esta palavra é utilizada para o chamado de uma pessoa de posição em relação a grupos e indivíduos. Por exemplo: pais chamando seus filhos, soberano chamando súditos. Esta chamada se expressa em forma de ordem e não de um simples convite, porém esta ordem não influencia na resposta, este chamado pode ser reusado, não ouvido e até mesmo evitado. Em contraste quando a chamada de Deus não é recusada, ela cria ordem no universo e faz com que os eventos da história aconteçam.¹⁰

Esta palavra não é encontrada em todos os relatos de chamado do Antigo Testamento, porque uma das características do chamado no veterotestamentário não está na terminologia, mas no conteúdo. Deus chama o homem para uma tarefa, pode ser profética ou política, pode ser

⁷ LUTZER, E. De pastor para pastor, p. 14.

⁸ HARRIS, R. L. Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento, p. 1365.

⁹ VINE, W. E. Dicionário Vine, p. 68.

¹⁰ JEREMIAS, J. Chamar. In: COENEN, L. Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, p. 351.

definida imediata ou posteriormente, mas a chamada sempre exige uma decisão por parte daquele que é chamado, e esse chamado de Deus transforma homens despreparados e desqualificados em instrumentos para cumprirem a Sua vontade.¹¹

Vocação, no contexto do Antigo Testamento, é o chamado de Deus, no qual o ser humano é convocado a participar dos seus planos e ações, e desafiado a estar a serviço desse chamado. A vocação no Antigo Testamento não tem a sua origem na motivação política, sociológica, ética ou psicológica; ela está fundamentada no mistério da livre ação de Deus em direção ao ser humano.¹² Segundo Elwell, “No AT, Deus é visto chamando os indivíduos para tarefas especiais de obediência e liderança”.¹³

Vocação, no Antigo Testamento, entende-se por situações que relatam um encontro único e pessoal com Javé, ou um representante seu, e o próprio vocacionado, estabelecendo um diálogo onde há lugar para hesitação, objeção por parte deste e argumento da parte do divino, levando-o à aceitação da missão, ou, então, ao voluntariado para o cumprimento da mesma.¹⁴

Para Israel a vocação, no caso de um profeta, era um acontecimento que ultrapassava o âmbito de suas experiências religiosas. Não era algo comum, prova disto são os inúmeros relatos escritos, tendo em vista que no Oriente Antigo não se escrevia por mera vontade, mas tudo o que era registrado servia a um objetivo preciso e concreto; só o fato de existir relatos de vocação denota que algo especial aconteceu.¹⁵

Por quanto se pode saber, a vocação de um profeta se dava por uma palavra que Deus comunicava de forma pessoal e imediata, e essa palavra criava para o respectivo ser humano envolvido, uma situação totalmente nova. Não somente era encarregado de uma missão limitada no tempo, mas lhe era confiado um ministério que não era vitalício em todos os lugares, mas que, em todos os casos, tirava essas pessoas por um tempo, no mínimo, bastante longo de todos os relacionamentos que mantinha até então.¹⁶

¹¹ JEREMIAS, J. Chamar. In: COENEN, L. Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, p. 351.

¹² SOUZA, A. B. Vocação e espiritualidade no Antigo Testamento, p.18.

¹³ ELWELL, W. A. Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã, v. 3. p. 630.

¹⁴ SOUZA, A. B. *Op. Cit.*, p.22

¹⁵ RAD, G. V. Teologia do Antigo Testamento, p. 492.

¹⁶ *Ibidim*, p. 495.

1.2.2 Visão e vocação

Os relatos de vocação que foram conservados no Antigo Testamento ocorrem de duas formas básicas: a primeira é em forma de diálogo, composta de vários elementos, como a incumbência, a rejeição, as desculpas apresentadas diante das incapacidades pessoais, ou até mesmo da dificuldade da missão, e por fim a asseguuração e apoio garantido por sinais; exemplos: Jr 1, Êx 3, Jz 6.11, 1Sm 9. A segunda forma era através de visões, geralmente do trono celestial de Deus, exemplos: Is 6 e Ez 2.¹⁷

Em alguns casos as duas formas são associadas, aumentando ainda mais o impulso da vocação, como no caso de Ezequiel que teve a visão do trono em Ez 10.1, e também se estabelece um diálogo direto da parte de Deus para com Ezequiel (Cf Ez 4.13).¹⁸

1.2.3 Exemplo: Moisés

O chamado de Moisés é um dos mais complexos devido ao próprio relato que apresenta algumas dificuldades por tratar de vários temas como: teofania, promessa de libertação, revelação do nome de Javé. Por isso neste ponto a atenção estará para a vocação de Moisés e os aspectos da sua missão e sua relutância.¹⁹

Moisés estava apascentando as ovelhas do seu sogro, quando o anjo do Senhor apareceu em meio a uma sarça que ardia, mas não se consumia, e o chamou pelo nome. Ele ficou maravilhado com o que viu e, ao ouvir o seu nome, responde prontamente “eis-me aqui”, mas esta resposta não estava relacionada à missão que seria proposta para ele. Deus diz para Moisés que estava vendo a opressão do povo, tinha ouvido o seu clamor e decidira livrar Israel desta situação. Por isso convocou Moisés para essa missão. Mas, antes de aceitar o chamado Moisés, relutou de várias formas.²⁰

A motivação e o contexto do chamado de Moisés aconteceu em um momento de incômodo por ambas as partes. Moisés matou um egípcio que maltratava um israelita, mostra que ele se incomodava com o sofrimento do povo. Por outro lado Deus também ouve o clamor do povo, o que o leva a chamar Moisés para essa libertação. A missão de Moisés consistia em ir até faraó e tirar os israelitas do Egito; mas, para isso, Moisés deveria voltar à sua história, voltar

¹⁷ SCHIMIDT, W. H. A fé do Antigo Testamento, p. 356.

¹⁸ *Ibidim*, p. 363.

¹⁹ SOUZA, A B. Vocação e espiritualidade no Antigo Testamento, p. 27.

²⁰ CÉSAR, K. M. L. Vocação, p. 67.

ao lugar de onde havia fugido, estes aspectos começam as dificuldades do chamado de Moisés, e o seu fracasso em ajudar. Da última vez que tinha tentando, fez com que ele lançasse muitas objeções.²¹

A primeira objeção de Moisés é com relação a suas incapacidades. Primeiro, ele dá a entender que não é a pessoa ideal para missão devido à expressão “quem sou eu para que vá”. Moisés, chamado por Deus, faz um protesto, apresentando a sua falta de preparo, procurando se livrar da missão que lhe é apresentada. Neste caso, a objeção principal de Moisés ser: incapaz, enquanto pessoa.²² A esta objeção Deus responde que dará a Moisés o suprimento necessário para a missão e que estará com ele o tempo todo.²³

Moisés continua relutante e levanta algumas questões muito importantes: em nome de quem ele iria? Que autoridade ele teria? Como ele responderia as perguntas das pessoas? Deus pacientemente dá a sua resposta: “Eu Sou o que Sou”.²⁴ A revelação do nome de Javé a Moisés tinha como propósito acabar com a descrença de Moisés quanto a sua vocação. Esta resposta é única no Antigo Testamento, pois tenta explicar o nome de Javé, mas é uma resposta tão curta que nem mesmo pode ser considerada uma explicação. A definição que Deus pode fazer de si mesmo só pode ser comprada com Ele mesmo. Observando-se por esse ângulo, a declaração mais oculta do que explica.²⁵

O medo de Moisés fazia sentido. Ele não se sentia intimidado sem motivos, pois as suas credenciais colocavam em dúvida a sua missão. Ele tinha sido educado na corte do faraó, era um fugitivo da justiça, um peregrino entre os midianitas, a sua mulher era midianita o seu filho tinha nome midianita. Quem iria acreditar que ele era o enviado de Deus para libertar o povo?²⁶

Ainda se sentindo despreparado para a missão, Moisés acha que o povo não acreditará nele. Diante deste questionamento, Deus responde às dúvidas de Moisés de forma visual e forte. Os argumentos agora são sinais; Deus faz a vara de Moisés virar uma serpente²⁷ e depois voltar a ser vara; faz também a sua mão ficar leprosa e logo volta a ser normal. Moisés fica

²¹ SOUZA, A B. Vocação e espiritualidade no Antigo Testamento, p. 30.

²² *Ibidim*, p. 30.

²³ CÉSAR, K. M. L. Vocação, p.68.

²⁴ *Ibidim*, p .68.

²⁵ ALLEN, C. J. Comentário bíblico broadman,v. 1. p. 396.

²⁶ *Ibidim*, v. 1. p. 399.

²⁷ Não se pode basear um chamado autêntico na capacidade de realizar sinais, pois o contexto da história vai nos mostrar que os magos de faraó (pessoas não chamadas por Deus) realizavam os mesmos sinais que Moisés, autenticamente chamado por Deus, realizava.

impressionado, mas não se satisfaz, tenta fugir da sua missão, apresentando a sua dificuldade de se comunicar, Deus responde que seria com a boca de Moisés. Sem nenhuma desculpa mais para apresentar, Moisés tenta mais uma vez escapar da sua missão, pedindo para que Deus envie outro. A esse pedido Deus reage com ira, mesmo assim resolve o problema de Moisés, nomeando o seu irmão Arão como seu porta voz. Não podendo mais resistir a uma vocação tão eficaz, Moisés vai para o Egito para cumprir a missão que Deus havia colocado diante dele.²⁸

1.3 O chamado no Novo Testamento

Hiperetologia ou clesiologia? Estes são os termos usados para a doutrina da vocação, que faz a abordagem dos fundamentos bíblicos do chamado, as suas variadas implicações e a resposta humana. O primeiro termo procede do grego *hypereteo*, que tem o sentido de servir, ministrar, ser útil. O seu substantivo tem um sentido de auxiliar, assistente e soldado.²⁹

Nas páginas do Novo Testamento aparecem várias traduções da palavra *hyperetes*, como: servo, oficial de justiça, guarda ministro. Kléos Magalhães³⁰ prefere e sugere outro termo para a doutrina da vocação, pois, segundo ele, esse pode ser confundido com a vocação soteriológica; para ele, a melhor palavra a ser utilizada seria “clesiologia” (*klêsis* + *logia*= chamado, vocação + *logia*), termo que estaria mais próximo de eclesiologia (doutrina da igreja), devido à afinidade entre essas disciplinas, e porque o próprio termo expressaria melhor o conteúdo da doutrina.³¹

1.3.1 Definição

A palavra utilizada no Novo Testamento para chamado e vocação é *kaleô*, que significa literalmente “chamar”. Porém, o seu significado acrescenta mais profundidade a esta palavra. *Kaleô* significa também “solicitar com instância”, mandar, falar com outra pessoa, diretamente ou por um intermediário, a fim de trazer a pessoa para mais perto para desenvolver um relacionamento pessoal com ela.³²

A sociedade grega não compartilhava o conceito de chamado que se tem hoje, por isso raras vezes este termo é utilizado para uma chamada divina. Para expressar a atividade do indivíduo

²⁸ CÉSAR, K. M. L. *Vocação*, p. 68.

²⁹ *Ibidim*, p.20.

³⁰ Único autor consultado que dedica uma obra inteira para tratar do assunto chamado.

³¹ CÉSAR, K. M. *Op. Cit.*, p. 20.

³² JEREMIAS, J. *Chamar*. In: COENEN, L. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, p. 349.

na sociedade, no grego clássico eram utilizadas outras palavras. Não há um termo geral, por isso a idéia de vocação ficava restrita aos sacerdotes, e de certa forma à aqueles que exerciam atividades intelectuais e administrativas.³³

O dicionário Vine usa três palavras para definir *kaleō*: “chamar, convidar e convocar”. Na maioria das vezes o termo é usado para o convite à salvação, mas também há casos onde se refere a vocação. Nestes casos, o significado é: “chamar por nome”, “nomear”; passivamente “ser chamado”, assim a ideia de vocação.³⁴

O verbo *klēsis* significa: eu chamo, nomeio, convoco. O adjetivo *kletós* significa chamado, convocado. Esses termos quase sempre expressam a vocação como iniciativa divina, o chamado de Deus ao homem, porém o sentido não é de um convite com possibilidade de escolha, mas uma convocação, uma intimação irrecusável.³⁵

Naturalmente esta seria a palavra mais adequada para o chamado dos discípulos, porém ela só é utilizada duas vezes em Mt 4.21 e Mc 1.20; nos outros relatos aparece a história, o diálogo, porém nenhum termo especial.³⁶

Outra palavra grega utilizada nos relatos de chamado é *proskaleomai*, utilizada em uma chamada autoritária e irresistível; pode ser direcionada a um indivíduo ou a algum grupo. Esta palavra foi utilizada para Paulo e Barnabé em At 13.2, referindo-se ao chamado celestial que resultou em um envio missionário de ambos. Este termo também aparece na visão que Paulo tem At 16.10, tratando-se de uma orientação divina com relação à pregação do Evangelho.³⁷

Paulo usa *kletos*, para se referir a uma comissão particular. É a palavra que ele usa em Rm 1.1 e 1Co1.1, para afirmar que é chamado para ser apóstolo, no caso do apóstolo uma vocação especial da parte de Deus.³⁸

O conceito de “chamada” no Novo Testamento tem mais referências na abordagem soteriológica que Deus faz ao homem, no caso, o chamado ao arrependimento, salvação, fé.

³³ JEREMIAS, J. Chamar. In: COENEN, L. Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, p. 350.

³⁴ VINE, W. E. Dicionário Vine, p. 463.

³⁵ CÉSAR, K. M. L. Vocação, p. 18.

³⁶ JEREMIAS, J. Chamar. In: COENEN, L. *Op. Cit.*, p. 352.

³⁷ *Ibidim*, p. 353.

³⁸ *Ibidim*, p. 354.

Porém, o termo também tem outra conotação, é a chamada de Deus para pessoas desempenharem cargos e funções específicas como: apostolado e pregação missionária.³⁹

Jesus chamou algumas pessoas para serem seus discípulos. De alguns ele exigia que renunciassem tudo e seguissem-no, enquanto outros eram desafiados a testemunhar dele no lugar onde eles estavam.⁴⁰

Jesus chamou doze homens para serem os seus discípulos. O número não foi uma escolha acidental, o número doze é uma clara referência às doze tribos de Israel, que, na época de Jesus, existiam apenas duas e meia, as outras perderam-se com a queda de Samaria em 722 a.C. Portanto, o número dos discípulos chamados foi um ato simbólico, o qual expressava a chegada do Reino de Deus, a restauração das doze tribos; não um levante político, mas uma restauração da presença divina.⁴¹

1.3.2 Exemplo: Pedro

O exemplo escolhido para demonstrar o chamado no Novo Testamento é Pedro, devido às particularidades que estão inseridas ao seu chamado, principalmente, no que diz respeito à inconstância. O relato do chamado de Pedro encontra-se nos quatro Evangelhos. O relato escolhido será o de Lucas 5.1-11, com ênfase nos versículos de 8 a 11, pois estes apresentam mais detalhes⁴², entendendo-se melhor o contexto e servindo com mais eficiência ao objetivo desta pesquisa.

Pedro sempre encabeça a lista dos discípulos de Jesus, porque este era um líder entre os discípulos, além disso ele fazia parte do círculo mais íntimo dos discípulos, no qual também se encontravam Tiago e João.⁴³

Pedro era um discípulo muito dedicado, buscava sempre crescer na fé, embora em muitos momentos tenha demonstrado inconstância, como quando Jesus andou sobre as água e quando ele negou Jesus. Ao ser chamado por Cristo, ele tem consciência da sua ignorância e do seu estado pecaminoso.⁴⁴

³⁹ ELWELL, W. A. Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã, v. 1, p. 274.

⁴⁰ *Ibidim*, v. 3, p. 630.

⁴¹ STEIN, R. A pessoa de Cristo, p. 118.

⁴² BARROS, A. C. Doze homens e uma missão, p. 247.

⁴³ STEIN, R. *Op. Cit.*, p. 118.

⁴⁴ GARDNER, P. Quem é quem na Bíblia sagrada, p. 525.

Esta passagem traz uma peculiaridade com relação a Pedro. No verso 8 é o único lugar onde Lucas se refere a ele como “Simão Pedro”. Até ali Lucas usa apenas Simão e depois vai utilizar somente Pedro, salvo a exceção quando Lucas cita outras pessoas.⁴⁵

Pedro, um grande pescador e que provavelmente conhecia muito bem o lago de Genesaré, com uma estranha facilidade retorna para mais uma tentativa, pois este havia sido convencido por Jesus a aventurar-se novamente na pescaria. Pedro é convencido, não menos, pela autoridade daquele que o manda fazer tal coisa, e diante da ordem o experiente pescador lança as redes, com base nas palavras de Jesus.⁴⁶

Pedro não ficou contente com a abundância na pescaria. Reconhecendo o milagre, age como se estivesse na presença de Deus, prostra-se de joelhos, reconhece a mão de Deus naquela situação, e isso o leva a reconhecer a sua própria pecaminosidade. Esta cena relembra a experiência de outros personagens bíblicos que estiveram na presença de Deus, como: Abraão em Gn 18.27, Isaías em Is 6.5 e Jó em Jó 42.6. A compreensão de Pedro em relação a Jesus se aprofunda e faz com que este mude a forma de tratamento; enquanto no versículo 5 Pedro chama Jesus de “mestre” este tratamento é substituído por “Senhor”. Um milagre impactante para Pedro, o pescador, pois este se deu em sua área do conhecimento profissional: Pedro conhecia pesca e sabia o significado daquela grande quantia de peixes.⁴⁷

Barros concorda com Morris, afirmando que Pedro e seus amigos até então nunca tinham visto algo tão maravilhoso; e ao invés de se alegrarem devido ao grande lucro que teriam mediante a venda dos peixes, uma reação bem contrária disto toma conta deles. Impressionados com o que haviam presenciado. Parecia que as forças da natureza submetiam-se a este homem que estava na beira do lago. Tal acontecimento os deixou perturbados e com medo.⁴⁸

Em seu primeiro encontro com Jesus às margens do Jordão, parece que o ceticismo no coração de Pedro com relação a este novo pregador que havia aparecido não havia sido removido; mas agora diante deste grande milagre, Pedro tem a convicção de que está diante de alguém que tem autoridade e que merece toda a reverência. Tal experiência faz com que

⁴⁵ MORRIS, L. L. *Lucas*, p. 108.

⁴⁶ BARROS, A. C. *Doze homens e uma missão*, p. 248.

⁴⁷ MORRIS, L. L. *Op. Cit.*, p. 108.

⁴⁸ BARROS, A. C. *Op. Cit.*, p. 248.

Pedro tome uma atitude incomum para um judeu; prostrar-se rapidamente aos pés de Jesus, confessando a sua indignidade diante de tal aproximação.⁴⁹

Nota-se a dolorosa consciência de Pedro em relação ao seu estado pecaminoso, quando está diante do Santo. Uma experiência aparentemente traumática faz com que Pedro se prostre em um barco cheio de peixes, isso motivado pela percepção da natureza de Jesus. Percebendo que a preocupação de Pedro após o milagre volta-se para ele mesmo e sua condição e não para o milagre.⁵⁰

Destaca-se que, quando Pedro pronuncia estas palavras de reconhecimento da sua pecaminosidade, ele ainda era muito imaturo na fé, a sua fé era deficiente e a sua experiência com Cristo era muito frágil. Se o mesmo evento acontecesse posteriormente, Pedro não diria: “retira-te de mim”, mas diria “fica comigo”. Apesar dessa conclusão, as palavras de Pedro expressam os sentimentos de um contato íntimo com Deus.⁵¹

Pedro, muito admirado por tudo o que havia, visto é surpreendido pelo convite que mudaria toda a sua vida. A pesca maravilhosa foi o que precedeu a vocação de Pedro. Ao que parece este sinal, equipara-se a uma profecia do futuro ministério que Pedro desenvolveria, ou seja, se tornaria um dos maiores pescadores de alma de todos os tempos. Poucos anos depois esta profecia se cumpre, quando no Pentecostes, diante de um grande público, Pedro experimenta uma pesca maravilhosa, mas agora de almas, que se renderam à mensagem da cruz (At 2.14-16).⁵²

Jesus responde à reação da consciência do pecado de Pedro, não condenando, mas agora receberia ajuda para tornar-se útil. Pedro, a princípio, não sabia o que significava “pescar homens”, mas agora conhecia o que Jesus poderia fazer, e se a “pescaria de homens” fosse tão bem sucedida como a pescaria de peixes, com certeza essa pesca seria um sucesso evidente.⁵³

Inicialmente Jesus acalma Pedro, concluindo-se que havia um medo existente nele diante do milagre de Jesus. Este então pronuncia a diferença que agora haverá na vida de Pedro, Jesus então chama-o através da frase; “serás pescador de homens”, mostrando que Pedro não se

⁴⁹ BARROS, A. C. *Doze homens e uma missão*, p. 249.

⁵⁰ ASH, A. L. *O Evangelho segundo Lucas*, p.102.

⁵¹ RYLE, J. C. *Meditações no Evangelho de Lucas*, p. 68.

⁵² BARROS, A. C. *Op. Cit.*, p. 249.

⁵³ ASH, A. L. *Op. Cit.*, p.102.

ocupará mais com peixes e sim com homens. Pedro agora pescaria para a vida e não para morte.⁵⁴

Quando o grupo de pesca chegou à praia, deixaram tudo e seguiram Jesus. Deixaram a maior pesca que já tinham visto em suas vidas. A pesca não era mais motivo importante para eles, mas a importância estava no que a pesca mostrou sobre Jesus. Reconheceram esse fato e tornaram-se discípulos de Jesus em seu sentido mais pleno.⁵⁵

Tudo foi deixado para trás, o produto da pesca, ou seja, aquela grande quantia de peixes, os barcos, os empregos, o meio de vida, suas casa e assim por diante, tudo ficou para trás. Jesus cuidaria de todos, não só de Pedro, o centro da vida deles havia mudado, toda a disciplina e dedicação da pescaria foram transferidas para fins espirituais. Diante da realidade de que Jesus poderia suprir qualquer necessidade, percebe-se uma evidente confiança. As qualidades daqueles homens que Jesus chamou eram: disposição para trabalhar (v.2), obediência a ordens (v.5) honestidade na auto avaliação (v.8) e disposição para sacrificar-se mediante as necessidades do trabalho (v.11).⁵⁶

Pelo que se identifica, através das narrativas bíblicas, o encontro relatado em Lc 5.1-11, não foi o primeiro encontro de Pedro com Jesus. O seu irmão André era discípulo de João Batista, este não tinha apenas ouvido o testemunho do profeta sobre Jesus, mas havia conhecido o seu futuro mestre (Jo 1.35-42), pois mais tarde este também faria parte dos doze. Impactado em seu encontro com Jesus e convicto de que ele era o messias, André volta para a Galileia a fim de contar ao seu irmão a respeito de Jesus, para que este também tivesse o seu encontro. Portanto, o que se deduz é que, após este primeiro encontro, Pedro e André retornaram a sua atividade cotidiana na Galileia e ali algum tempo depois acontece o encontro deles, que está relatado em Lc 5.1-11, Mc 1.16-20 e Mt 4.18-22.⁵⁷

⁵⁴ MORRIS, L. L. Lucas, p. 109.

⁵⁵ *Ibidim*, p. 109.

⁵⁶ ASH, A. L. O evangelho segundo Lucas, p. 103.

⁵⁷ BARROS, A. C. Doze homens e uma missão, p. 247.

II – CARACTERÍSTICAS DE UM CHAMADO

Deus não chama apenas pastores e missionários para servi-lo, mas chama também médicos, engenheiros, professores, escritores, advogados, juízes, farmacêuticos, músicos, administradores, profissionais especializados e muitos outros. Ele quer usar em sua obra tanto um quanto outro, por isso quem serve a Deus como um médico está fazendo a obra tanto quanto um missionário, o importante é estar no lugar certo, no lugar colocado por Deus e ter a convicção deste chamado. E ainda existem os casos de quando a pessoa tem uma vocação dupla, um médico-missionário, um pastor-professor. Qualquer profissão deve ser exercida com o objetivo de cumprir a vontade de Deus.⁵⁸

2.1 Entendendo o chamado

Por que milhões de servos de Deus se dedicam ao incansável trabalho pastoral? A razão é única: o chamado de Deus. Críticas podem surgir, apontando a motivação para o ministério como um desejo de manipular os ingênuos; muitos desvalorizam este ministério baseados em exceções de poluição moral e da corrupção financeira de poucos. Mesmo em meio a tanta pressão e desvalorização da sociedade, todos os dias milhares de pessoas são restauradas, salvas e transformadas pelo trabalho constante e dedicado de um pastor. A consequência deste fato é uma resposta ao chamado, uma missão originada no amor a Deus e ao homem.⁵⁹

O chamado de Deus para o ministério vocacional possui diferentes dimensões. O chamado para a salvação, que é ponto de partida de qualquer chamado ao serviço no ministério; a pessoa precisa ter certeza de que é chamada por Cristo antes de buscar um ministério vocacional; há também o chamado para o serviço, que é parte intrínseca do chamado à salvação e que não deve confundir-se com o chamado vocacional, que é a atuação em um ministério de tempo integral.⁶⁰

Destacam-se alguns elementos importantes no contexto da vocação. Primeiramente, Deus é quem chama, quem desafia o ser humano ao cumprimento da sua vontade, dessa forma entende-se o “chamado” como aquilo que opera essa vontade na história. O outro elemento importante neste processo é o ser humano que é tocado pela presença da divindade, fazendo-o entender a sua vontade e levando-o ao cumprimento de uma missão. Assim, evidencia-se

⁵⁸ CÉSAR, K. M. L. *Vocação*, p. 123.

⁵⁹ HAYFORD, J. *Pastores da promessa*, p. 13.

⁶⁰ MACARTHUR, J. J. *Redescobrimo o ministério pastoral*, p. 126

outro aspecto muito delicado do chamado, o subjetivismo, ou seja, o chamado de Deus se dá no mais profundo do ser. Por isso, quando se fala em vocação neste sentido, o testemunho é o limite da evidência, pois só o testemunho permite conhecer o chamado de Deus a alguém para o cumprimento de um ministério.⁶¹

O vocacionado é chamado não por causa de algum mérito por este praticado, e ele nunca deve se esquecer dessa realidade, pois assim sendo corre o risco de cair na tentação da ostentação, do orgulho, o vocacionado precisa se manter longe de toda soberba. Quando Deus chama, ele espera dedicação total, ele quer que se faça com zelo, fidelidade, responsabilidade, colocando todo o tempo à sua disposição. E o chamado não é de natureza apenas contemplativa, ociosa e reclusa, existe o lado dinâmico e prático do chamado, é o “Ide” de Cristo que convoca os discípulos ocupados a se ocuparem ainda mais. Deus não dá emprego, mas dá serviço. Deus não chama ninguém para cruzar os braços. A vida cristã não é apenas passar pela terra, mas servir ao Senhor e aos irmãos em Cristo.⁶²

2.1.1 Consciência e convicção

Os pastores são feitos por Deus para serem pastores, não é uma questão de escolha. Os pastores não escolhem serem pastores, mas Deus escolhe os pastores e os designa para os seus planos. Ser pastor não se subentende que o indivíduo terá uma coleção de dons, pois ser pastor é um dom⁶³ próprio. O chamado consiste em saber que Deus cria indivíduos para serem pastores.⁶⁴

Os pastores precisam ter a certeza do plano de Deus para suas vidas, que se revela através do chamado para o ministério. Essa convicção ultrapassa o âmbito da escolha profissional, não é uma escolha baseada em um teste vocacional, mas é o reconhecimento de uma missão dada por Deus.⁶⁵

Hansen afirma que a consciência de que ele é chamado por Deus para ser um pastor é a fundamentação do seu ministério, sendo esta a experiência mais importante depois da salvação. E acrescenta que o chamado é o que o mantém no ministério é o que o impede de ficar insano diante das oscilações da vida pastoral; é o que ratifica a sua autoridade para

⁶¹ SOUZA, A. B. Vocação e espiritualidade no Antigo Testamento, p. 18.

⁶² CÉSAR, K. M. L. Vocação, p. 132, 137 e 139.

⁶³ Efésios 4.11

⁶⁴ HANSEN, D. Arte de pastorear, p. 34.

⁶⁵ CARTER, J. E. Ética ministerial, p. 27.

pregar a palavra de Deus e ministrar as ordenanças. É a convicção da presença de Deus fortalecendo em todas as tarefas executadas no pastoreio.⁶⁶

Nelson Luis Campos Leite concorda com a importância de se ter uma consciência do chamado, e enfatiza que essa é a força motivadora que impulsiona o ministério pastoral. Porém, ele acrescenta que essa consciência não é suficiente para alimentar constantemente o chamado. Este autor argumenta que apenas a consciência do chamado não é suficiente para fundamentar um ministério pastoral e por isso ele acrescenta alguns fatores fundamentais no exercício do pastorado, como: caráter, temperamento, personalidade, relacionamento, responsabilidade, preparo, intimidade com Deus e equilíbrio do ser.⁶⁷

David Fisher concorda com essa importância da consciência do chamado, porém ele usa outra linguagem para se referir a essa consciência. Ele trata da sua convicção de chamado como algo que controla a sua alma. Apesar de destacar a importância da evidência exterior, comenta que esse controle da sua alma é o poder sustentador do seu ministério pastoral. Quando surge dificuldades e pressões no ministério, ou até mesmo dúvidas com relação às evidências exteriores, é esse controle que o guarda o sustenta e o motiva.⁶⁸

Macarthur, citando Bridges, diz que a convicção do chamado é a maior de todas as fortalezas do pastor. Se essa convicção é inabalável, todas as coisas na vida estarão em ordem. Continuando, mas agora citando Wisersbe, destaca-se a dificuldade do ministério, como uma tarefa muito desgastante, sendo assim o ministro que não tem a convicção não permanece no ministério; logo, um ministério eficaz somente é desenvolvido a partir de uma convicção do chamado por Deus.⁶⁹

Lutzer afirma que muitos têm essa consciência desde a juventude; para outros essa ideia vai amadurecendo conforme o estudo da Palavra de Deus. Entretanto, destaca a importância e afirma que não há obstáculos que possa deter um impulso dado por Deus. Essa consciência é a base e a firmeza para o ministério.⁷⁰

Outra consciência importante que acompanha o chamado é a disponibilidade. A pessoa que é chamada por Deus precisa ter essa consciência, de que não vai servir e ministrar apenas

⁶⁶ HANSEN, D. Arte de pastorear, p. 34.

⁶⁷ LEITE, N. L. C. Pastoreando pastores, p. 16.

⁶⁸ FISHER, D. O pastor do século 21, p. 121.

⁶⁹ *Apud* MACARTHUR, J. J. Redescobrimo o ministério pastoral, p. 128.

⁷⁰ LUTZER, E. De pastor para pastor, p. 15.

algumas horas por dia, mas que precisa estar disponível o tempo inteiro, se preciso vinte e quatro horas por dia. Isso não significa estar ocupado o tempo inteiro, mas disponível. O ministério não tem hora específica para ser praticado, ele é exercido em qualquer hora e lugar.⁷¹

A importância da convicção do chamado apresenta-se nas saudações de Paulo, onde percebe-se que o senso de identidade de Paulo tinha origem em uma profunda convicção de que ele foi chamado por Deus e separado para a obra apostólica. Ele era controlado por essa vocação, era algo fora dele mesmo, que englobava toda a sua vida e conduzia o seu ministério. Essa convicção de Paulo fluía do seu relacionamento com Cristo, assim como deve ser toda a vocação cristã, ou seja, centralizada em Cristo; exemplo disso é a experiência de Paulo com Cristo na estrada para Damasco, citada duas vezes por ele mesmo ao falar do seu ministério.⁷²

Depois de ouvir a voz de Deus e fazer com Ele um pacto, o próximo passo dessa caminhada é a preparação, a qual engloba uma educação formal e um envolvimento maior com a igreja, no sentido de tarefas. Ouvir, assumir, preparar-se, tudo isso deve estar baseado em um chamado concreto, apoiado por uma igreja de verdade. Sem isso, não existe chamado, pois essas são as características necessárias para se conhecer um chamado pastoral. Não importa o quanto existe a sensação de ser chamado por Deus, não importa o alto preparo acadêmico, se não houver uma igreja que aceita o indivíduo como pastor, logo ele não tem um chamado de Deus para ser pastor.⁷³

2.1.2 Um chamado específico

A convicção da vocação é uma necessidade. É preciso ter a certeza total do que se vai fazer, é preciso entender claramente a natureza do chamado, qual o trabalho que Deus determinou? É muito importante estar situado no Reino de Deus. Praticar algo para o qual a pessoa não foi chamada, desencadeará muitas dificuldades e conseqüentemente em muitas crises na vocação e um provável insucesso. Exemplo: se o pastor está pastoreando uma igreja, mas ele tem um chamado para missões transculturais, há uma grande probabilidade de fracasso, pois está realizando algo para o qual não foi chamado.⁷⁴

⁷¹ SILVA, E. P. *Dignos de honra*, p. 89.

⁷² FISHER, D. *O pastor do século 21*, p. 123-124.

⁷³ HANSEN, D. *Arte de pastorear*, p. 38.

⁷⁴ CÉSAR, K. M. L. *Vocação*, p. 121.

O chamado para o ministério pastoral precisa ser o mais específico possível, pois uma vocação geral ao ministério pode levar ao pastorado, porém este chamado geral não pode sustentar o pastor através das dificuldades da realidade da igreja. Por isso, o chamado pastoral precisa ser específico.⁷⁵

Edson Queiroz, ao comentar este assunto, afirma que a chamada específica é uma realidade, e que Deus continua chamando homens e mulheres para liderar a o seu povo. Esses líderes precisam ter essa convicção, pois somente assim conseguirão deixar tudo e servir no ministério.⁷⁶

Deus criou uma grande variedade de serviços e realizações, nas quais se encaixam as mais diversas vocações. O importante é ter certeza de estar fazendo o que Deus determinou. Um exemplo está em 1Co 12.18, 24, 28, onde Paulo, para explicar o funcionamento da igreja, usa a comparação do corpo humano, ou seja, todos são necessários, todos têm a sua função, o importante é que cada um esteja no lugar certo, exercendo a sua própria função, conforme a vontade do coordenador de todo o corpo.⁷⁷

Lutzer enfatiza essa questão do direcionamento específico, citando como ilustração as vidas de Charles Spurgeon e Billy Graham. Se ambos optassem por outra carreira, para Deus teria o mesmo efeito? O autor descarta essa possibilidade, e diz que Deus ainda hoje chama indivíduos para ministérios específicos e cita dois como exemplos, pregação e ensino da Palavra. Continuando a complementar a sua idéia, Lutzer combate uma teoria provida da área missionária, que não se necessita de uma chamada específica, se há um chamado a motivação deve ser a urgência e a necessidade.⁷⁸

2.2 Aceitando o chamado.

Antes de o homem responder à chamada, ele precisa ter certeza de que esta chamada vem da parte de Deus. O chamado de Samuel (1Sm 3.4-10) ensina como o homem não está preparado para ouvir e reconhecer a voz de Deus. Mesmo vivendo em um santuário, encontra-se a dificuldade para diferenciar esta chamada em meio a tantas vozes.⁷⁹

⁷⁵ FISHER, D. O pastor do século 21, p. 117.

⁷⁶ QUEIROZ, E. Transparência no ministério, p. 34.

⁷⁷ CÉSAR, K. M. L. Vocação, p. 121.

⁷⁸ LUTZER, E. De pastor para pastor, p. 11.

⁷⁹ JEREMIAS, J. Chamar. In: COENEN, L. Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, p. 351.

Edson Queiroz comenta o fato da seleção de candidatos para o ministério, destacando que uns apresentam a sua experiência de chamado de forma bem clara e objetiva, enquanto outros a fazem de forma vaga e sem nitidez. Há também os extremos em que muitos baseiam o seu chamado em uma experiência altamente emotiva, esquecendo-se de que Deus age de várias formas. Queiroz enfatiza que é mais importante que o candidato tenha uma experiência clara e indiscutível.⁸⁰

Um método relevante para a aceitação do chamado é ouvir as opiniões de amigo e principalmente de ministros mais experientes. Um bom diálogo ajuda a esclarecer se o que o candidato tem é um desejo, um impulso, um sentimento, ou até mesmo se o candidato está com uma motivação equivocada. A Bíblia é que dá orientação com relação a esse assunto, e o incentivo, em algumas passagens, a buscar pela orientação de pessoas mais sábias.⁸¹

Existem várias formas para a confirmação do chamado. Pode ser por meio de coincidências especiais, ou usando um ser humano como intermediário; porém, não se pode limitar os meios utilizados por Deus. Frequentemente pessoas se sentem chamadas por Deus, mas não para atuar em uma igreja. Estas situações Deus usa o corpo de Cristo, ou uma junta missionária, para esclarecer esse chamado.⁸²

Em todo o chamado, a iniciativa sempre é de Deus. Essa afirmação encontra uma posição de destaque dentro desse processo, bem como a consciência dele. O Deus que a tudo conhece chama cada indivíduo, porque o conhece, sabe das suas habilidades e dificuldades. Segundo a análise Dele, considera cada parte importante para a sua obra. Isso mostra a importância de a iniciativa ser primeira e exclusivamente de Deus.⁸³

A postura da pessoa que recebe o chamado deve ser de humildade e surpresa, acompanhada de oração e muita reverência e sensibilidade para o discernimento da vontade de Deus. Lutzer, citando Spurgeon, diz que ninguém deve entrar no ministério, se o mesmo tem condições de optar por outra vocação, no ministério só permanecem pessoa que sentem fortemente que não têm alternativa. Lutzer continua, mas agora citando Lutero, que afirma que o homem deve fugir do chamado, ainda que seja mais sábio que Salomão e Davi, porque, se Deus precisar de alguém, ele sabe exatamente como chamar.⁸⁴

⁸⁰ QUEIROZ, E. Transparência no ministério, p. 30.

⁸¹ MACARTHUR, J. J. Redescobrimo o ministério pastoral, p. 130.

⁸² LUTZER, E. De pastor para pastor, p. 16.

⁸³ RIGGS, R. M. O guia do pastor, p. 26.

⁸⁴ *Apud* LUTZER, E. *Op. Cit.*, p. 18.

Quem recebe o chamado de Deus precisa obedecer. Não há opções, não há alternativa, não se deve apresentar desculpas do tipo: “não creio, não quero, não posso, não vou, manda outro em meu lugar, não tenho os dons adequados, tenho medo, não estou convencido”. O chamado divino é extremamente persuasivo e convincente, mesmo para os mais relutantes.⁸⁵

2.3 Motivações erradas.

Os segredos mais íntimos do coração do homem apenas Deus conhece, e entre esses segredos está a motivação. Por mais que os homens façam trabalhos voluntários e altruístas explicando o porquê de estarem fazendo, a verdadeira motivação só Deus conhece e só Ele pode auxiliar na identificação das motivações para o ministério, o que Ele faz através da sua palavra, que julga e critica as verdadeiras intenções do coração.⁸⁶

Ingressar no ministério incentivado por uma motivação errada é muito perigoso, por isso torna-se necessária uma análise das motivações. Deus, que conhece as motivações, sabe se a pessoa entra no ministério para alcançar posições elevadas, para obter benefícios pessoais, se é para deixar evidente aos outros que tem grandes capacidades, ou se o candidato está entrando no ministério para trabalhar com humildade, conforme a recomendação da palavra de Deus. Não haverá a ação de Deus onde as motivações são erradas, o ministério será estéril, sem frutos, devido ao fato de Deus conhecer as motivações.⁸⁷

Edson Queiroz sugere uma forma para se conhecer as motivações para o ministério. A proposta é clamar por uma sondagem do Espírito Santo que será o auxílio para as seguintes perguntas: “Por que estou fazendo isso? O que pretendo alcançar com isso? Quais as vantagens para o reino de Deus? Vale a pena o investimento, comparado com os resultados? Terei vantagens pessoais?”⁸⁸

Em uma pesquisa realizada para saber as motivações de cada aluno de um determinado seminário, constatou-se que a maioria deles foi para o seminário e teve o chamado baseado no envolvimento com a igreja local. Mas, no decorrer do curso, houve um amadurecimento da consciência vocacional, a partir de um envolvimento mais intensificado com a igreja local. Reforçando, assim, que o motivo inicial da vocação não é suficiente para sustentar e levar adiante um ministério, principalmente diante dos obstáculos e lutas enfrentadas. É necessário

⁸⁵ CÉSAR, K. M. L. *Vocação*, p. 125.

⁸⁶ QUEIROZ, E. *Transparência no ministério*, p. 48.

⁸⁷ *Ibidim*, p. 49.

⁸⁸ *Ibidim*, p. 50.

um amadurecimento contínuo desta consciência que acontece das seguintes formas: relacionamento com Deus e o envio vocacional, compromisso maior com a obra de Cristo e com a igreja e a clareza da importância deste ministério, diante da situação atual de toda a sociedade.⁸⁹

Kléos Magalhães Lenz César aborda mais uma série de motivações inadequadas para o ministério. A tradição familiar e a influência de terceiros podem ser perigosas. Apesar da alegria de várias pessoas da mesma família serem chamadas por Deus, não significa que na próxima geração isso terá continuidade. Ser motivado apenas pelo incentivo de um grande líder também é muito perigoso, mesmo que às vezes essa seja uma forma utilizada por Deus para a confirmação do chamado.⁹⁰

Ingressar no ministério motivado por uma aprovação em um vestibular teológico revela uma imaturidade no reconhecimento do chamado. Mesmo que essa aprovação se dê forma relativamente fácil, ainda não é uma motivação aceitável, pois a história revela que as grandes vocações enfrentaram grandes dificuldades. Essa aprovação pode ser um sinal que, somado ao contexto e outros sinais de confirmação, podem resultar na aceitação do chamado, mas esse evento isolado seria insuficiente para motivar uma vocação. Um importante destaque é que as provas de seleção dos seminários são relativamente fáceis. Tendo em vista o crescente número de candidatos que baseiam o chamado nesta aprovação, muitos seminários têm reavaliado essas provas com o intuito de aumentar o nível de dificuldade, para evitar frustrações posteriores.⁹¹

Queiroz, citando Spurgeon, diz que existe uma dificuldade dos avaliadores rejeitarem um candidato ao seminário; Spurgeon, quando convencido de que Deus não chamara tal candidato, sentia-se obrigado a dizer. E as motivações erradas mais comuns para o ministério era a auto promoção, o desejo de se destacar. Spurgeon comenta que candidatos com essas motivações podem forçar uma ascensão ministerial, orgulhando-se de suas habilidades e até mesmo considerando-se maiores do que as pessoas comuns. Os tais Spurgeon considera desqualificados para entrarem no serviço do Senhor.⁹²

⁸⁹ LEITE, N. L. C. Pastoreando pastores, p. 21.

⁹⁰ CÉSAR, K. M. L. Vocação, p. 75.

⁹¹ *Ibidim*, p. 75.

⁹² *Apud* QUEIROZ, E. Transparência no ministério, p. 31.

Deus chama pessoas ocupadas e responsáveis. Muitos às vezes não se fixam em empregos, vivem uma instabilidade profissional e pensam que isto é um sinal da chamada divina. Mas, segundo Edson Queiroz, isso não é assim, pois Deus quer na sua obra pessoas que tenham integridade no seu trabalho profissional.⁹³

César concorda que essa é uma motivação, no mínimo, duvidosa, pois alguns consideram que o insucesso profissional é uma forma de Deus convocar alguém para o ministério. Segundo ele esta ideia é equivocada e contraditória à Palavra de Deus, que mostra que Deus deseja o sucesso dos seus filhos. Se ocasionalmente um insucesso acontece, é para despertar a consciência da pessoa para o chamado divino, mas isso só tem validade se tal insucesso acontecer dentro de uma sequência em um contexto vocacional. Se tudo está dando errado na vida de uma pessoa, não significa necessariamente que Deus a está chamando para o ministério, mas esses erros podem ter outra fonte, como incompetência e negligência profissional.⁹⁴

Pessoas que veem nas suas qualificações naturais uma motivação para o chamado, podem se enganar, pois talentos e habilidades naturais, tais como: simpatia, entusiasmo, oratória, erudição, comunicação, liderança e entre outros, isoladamente não constituem um chamado vocacional autêntico. Mesmo que algumas das habilidades citadas acima sejam essenciais para um pastor, também se encaixam perfeitamente em profissões como advocacia, política, administração de empresas, magistério, carreira diplomática. Essas habilidades só servem como motivação e sinais de chamado se estiverem acompanhadas de outros sinais e motivações vocacionais.⁹⁵

O status também é um problema. A posição de destaque que os pastores assumem na igreja desperta a atenção de alguns candidatos ao ministério. Apesar dessas posições serem atraentes, alguém que quer ir para o ministério com o desejo desses cargos não é uma pessoa especificamente chamada por Deus. Uma motivação perigosa e inadequada que faz com que o candidato não escute a voz de Deus, mas que se importe com sua carreira ministerial.⁹⁶

Motivação por benefícios materiais. O ministério pastoral não é uma profissão, é uma missão. Mas esta atividade pode ser confundida com uma profissão. Alguns julgam que a atividade

⁹³ QUEIROZ, E. Transparência no ministério, p. 32.

⁹⁴ CÉSAR, K. M. L. Vocação, p.76.

⁹⁵ *Ibidim*, p. 76-77.

⁹⁶ *Ibidim*, p. 20.

religiosa é menos cansativa que as demais, mas para os que a desenvolvem com total dedicação, honestidade e seriedade, essa é uma falsa ideia. O interesse econômico é a mais frustrante das motivações. Mesmo que alguns líderes ganhem bons salários e umas vantagens, isso não mostra a realidade geral. Quem quer enriquecer não deve se tornar um pastor, mas para quem quer acumular tesouros no céu esta é uma excelente oportunidade.⁹⁷

Riggs considera aqueles que encaram o ministério como uma profissão, com a finalidade de alcançarem algum prestígio social, exibir talentos e funcionalidades, apenas dedicar-se à leitura e aos estudos, ter uma vida relativamente fácil, como aqueles que monopolizam a chave do conhecimento, não permitindo que ninguém entre, são líderes cegos, são incapazes de transmitir as boas novas do evangelho. Sobre estes está preparada uma grande condenação.⁹⁸

O procedimento para a descoberta de motivações erradas é: arrependimento e redirecionamento do propósito ministerial, propósito que seja compatível com as motivações corretas. Estar alerta, pois há uma tendência de que as motivações erradas voltem. Que cada nova ideia passe por um discernimento espiritual e uma checagem de motivações, para ver se harmonizam com os propósitos de Deus.⁹⁹

2.4 Exemplo: Simão, o mágico

Simão era um mágico de Samaria que enganava e enfeitiçava as pessoas, as quais diziam que ele era um grande personagem. Todos em Samaria prestigiavam Simão, pois ficavam encantados com as suas habilidades mágicas, provavelmente um tipo de bruxaria. Diante da pregação de Felipe e dos sinais e milagres que confirmavam a sua mensagem, as pessoas de Samaria creram e foram batizados, pois estes também aguardavam pelo Messias, e até mesmo Simão aceitou a Jesus e foi batizado.¹⁰⁰

Simão, a partir daí, começou a seguir Felipe de perto. Ele, que antes havia sido usado para enganar o povo por meio de truques e mágicas, sabia que muitas coisas poderiam ser feitas com aquilo que via Felipe fazendo. A observação de Simão em relação às coisas que Felipe fazia, era uma visão profissional do assunto, e a conclusão a que ele deve ter chegado era que os milagres eram verdadeiros. Por isso, o relato do espanto e da admiração dele, diante dos

⁹⁷ CÉSAR, K. M. L. *Vocação*, p. 20.

⁹⁸ RIGGS, R. M. *O guia do pastor*, p. 24.

⁹⁹ QUEIROZ, E. *Transparência no ministério*, p. 50.

¹⁰⁰ HORTON, S. M. *O livro de Atos*, p. 91-92.

grandes feitos sobrenaturais, ele sabia que não se tratava de truques, como os que ele fazia anteriormente.¹⁰¹ Mas, segundo Stott, Simão via os apóstolos como “praticantes de mágica religiosa extraordinariamente talentosos”.¹⁰²

Tem-se questionado e mesmo duvidado sobre a fé de Simão. Será que ele creu verdadeiramente? A Bíblia afirma categoricamente que sim. Outro argumento plausível encontra-se em Felipe, um homem guiado pelo Espírito, como ele, não teria batizado Simão, caso esse não demonstrasse ser um verdadeiro crente.¹⁰³

César discorda de Horton, afirmando que Simão é um exemplo negativo daqueles que querem entrar na vocação ministerial, sem antes ter recebido o chamado da salvação, ou seja, sem ser convertido. Ao presenciar os milagres realizados pelos apóstolos, Simão também quis se tornar um obreiro, mas Pedro, com a capacidade de discernimento, percebe que Simão ainda não havia passado pela conversão e fecha-lhe a porta do ministério.¹⁰⁴

Algo chama a atenção de Simão quando Pedro e João impõem as mãos sobre as pessoas e estas recebem o Espírito Santo, porém Lucas não relata o quê. Simão havia visto os milagres e sinais realizados por Felipe. Entende-se que a manifestação de profecias não teria atraído a sua atenção, pois, em sua própria língua, não seria sobrenatural; o dom de línguas também não, pois, diferente do dia de Pentecostes, não havia ali pessoas de outras nações que entendessem línguas estrangeiras. Provavelmente o motivo de Lucas não relatar o que chamou a atenção de Simão está no fato de que a sua ênfase estava na atitude errada de Simão.¹⁰⁵

A observação de Simão constatou que, pela imposição de mãos dos apóstolos, o Espírito Santo era dado. Ao invés de se apresentar com o intuito de receber o Espírito Santo, aproximou-se motivado pela velha ganância e ofereceu dinheiro aos apóstolos para impor as mãos sobre o povo e obter o mesmo resultado.¹⁰⁶

O que torna o desejo de Simão pecaminoso é querer ter poder por razões erradas e pelo método errado. A autoridade espiritual é muito mais que um privilégio, é uma responsabilidade, percebendo-se o perigo de usar essa posição de autoridade para os próprios interesses, seja como modo de fazer dinheiro, ou para inchar o próprio ego. Simão via o dom

¹⁰¹ HORTON, S. M. O livro de Atos, p. 92.

¹⁰² STOTT, J. R. W. A mensagem de Atos, p. 168.

¹⁰³ HORTON, S. M. *Op. Cit.*, p. 92.

¹⁰⁴ CÉSAR, K. M. L. Vocação, p. 120.

¹⁰⁵ HORTON, S. M. *Op. Cit.*, p. 94.

¹⁰⁶ *Ibidim*, p. 94.

do Espírito Santo dentro do seu conhecimento de magia, onde provavelmente tal concepção, de comprar um dom, era aceita. A própria idéia de obter um dom divino mediante um pagamento mostra uma falsa compreensão sobre a natureza de Deus.¹⁰⁷

Pelo desejo de Simão de comprar o dom de Deus, subtendendo-se que provavelmente ele queria vendê-lo mais tarde. Isso seria impossível, pois os apóstolos estavam oferecendo a mesma coisa de graça, qualquer pessoa daquele grupo poderia receber. O mais provável é que Simão viu nesta atitude a oportunidade de recuperar o seu status entre o povo, como o portador oficial do dom do Espírito, pois este havia chegado à conclusão de que os apóstolo é que davam e possuíam o dom.¹⁰⁸

Diante da censura de Pedro, pode-se chegar à conclusão de que Simão poderia ter sido participante deste ministério, se este tivesse se aproximado com fé e recebido o dom, ao invés de oferecer dinheiro. O orgulho e a ambição de Simão fizeram com que ele caísse nesse pecado.¹⁰⁹

Conforme os comentários apresentados, conclui-se que de certa forma que Simão almejava o ministério, porém a sua motivação era totalmente inadequada. Entre as possibilidades do seu interesse, estava o dinheiro e o status. Então, segundo as palavras de Pedro, Simão não teve parte neste ministério. Motivações como as de Simão desqualificam automaticamente um aspirante ao ministério.

Esse evento marcou a tentativa de transformar o espiritual em comércio, de fazer negociação com as coisas de Deus, especialmente a compra do ministério eclesiástico, posteriormente isso foi chamado se “simonia”.¹¹⁰

2.5 Marcas de um chamado vocacional autêntico

2.5.1 Vida íntegra

O enfoque bíblico está no caráter do líder. Frequentemente encontram-se relatos sobre o que o líder deve ser e poucos relatos sobre o que ele precisa fazer. Por isso a relevância deste pré-requisito. Para Deus não, importa a formação ou experiência que a pessoa tenha, se esta não

¹⁰⁷ MARSHALL, I. H. *Atos*, p. 154.

¹⁰⁸ HORTON, S. M. *O livro de Atos*, p. 95.

¹⁰⁹ *Ibidim*, p. 95.

¹¹⁰ STOTT, J. R. W. *A mensagem de Atos*, p. 169.

tiver as qualidades morais bíblicas, torna-se automaticamente inapto para o ministério. É muito mais importante o que o ministro é do que o que ele é capaz de fazer.¹¹¹

No Antigo Testamento, os sacerdotes tinham que passar por um processo de purificação antes de apresentar um sacrifício em favor do povo; pois eles não podiam interceder pelo pecado dos outros enquanto os deles não haviam sido perdoados. Isso continua no Novo Testamento. Líder sem caráter exerce apenas uma atividade religiosa, ou mesmo um negócio religioso que resulta em hipocrisia.¹¹²

A santidade de vida é uma marca essencial. No Novo Testamento essa qualidade se destaca para os líderes, pois, para estar nesta posição e ajudar as pessoas, os líderes precisam ter uma vida exemplar. A pessoa que é chamada por Deus busca e tem a Bíblia não apenas como um objeto de estudo, que usa para a preparação de sermões, mas a tem como manual que transformar vidas, não apenas a quem é ministrada, mas principalmente de quem ministra.¹¹³

O chamado é algo que exige uma comunhão com Deus e exemplo de vida. Precisa haver uma ligação, uma coerência entre a pregação e o modo de vida do que prega. Sem isso a pregação será inútil; quando não há essa coerência, perde-se a credibilidade tanto da mensagem, quanto com relação ao chamado da pessoa. Deus não permitirá os frutos de um ministério e muito menos o seu crescimento, se a semente lançada estiver corrompida.¹¹⁴

Jesus exigia santidade e devoção de seus discípulos. Alertava-os para que conservassem acesas as candeias espirituais (Lc 12.35-38). O vocacionado precisa estar em comunhão constante com o seu Senhor, precisa respirar a fé em cada momento da sua vida, e se tornar um modelo, uma expressão do evangelho que transforma vidas.¹¹⁵

2.5.2 Desejo profundo

A pessoa que é verdadeiramente chamada por Deus não se conforma em exercer outra atividade, e, se o fizer, sofrerá uma frustração. Na pessoa que é chamada por Deus existe um desejo profundo de exercer o ministério, e, mesmo que ela esteja em um bom emprego, ganhe

¹¹¹ MACARTHUR, J. J. Redescobrimo o ministério pastoral, p. 137.

¹¹² *Ibidim*, p. 138.

¹¹³ *Ibidim*, p. 138.

¹¹⁴ CÉSAR, K. M. L. Vocação, p. 128.

¹¹⁵ *Ibidim*, p. 129.

um bom salário, este desejo superará todos esses aparentes benefícios, pois o desejo profundo faz com que qualquer outra atividade pareça uma perda de tempo.¹¹⁶

O Pr. Antonio Renato Gusso concorda que esta seja uma marca autêntica de um chamado vocacional. Porém, para que este desejo seja uma expressão da verdadeira realidade, deve evidenciar-se na prática diária, ou seja, a pessoa não apenas deseja, mas mostra naturalmente, por suas ações, pela sua responsabilidade, pelo seu amor direcionado à área na qual diz estar o seu chamado. Exemplo: se alguém diz ter um chamado para missões, a sua maior preocupação deve ser com os que ainda não foram alcançados pelo Evangelho, o seu maior interesse está em notícias ligadas aos campos missionários e esta pessoa emprega um esforço maior do que os outros membros da igreja na promoção de missões. O mesmo exemplo cabe ao chamado para o ministério pastoral, essa pessoa se preocupa com as necessidades físicas e espirituais dos que estão ao seu redor, investe um tempo de qualidade no estudo da Bíblia, está sempre à disposição para ouvir, aconselhar, visitar. Em suma, aquele que tem um chamado para uma determinada área mostra as evidências, sem esforço, naturalmente, nas suas atitudes diárias.¹¹⁷

César usa outra expressão para falar desse desejo; ele o trata como uma intensa compulsão interior. Uma obra eficaz do Espírito Santo na consciência do indivíduo, que, atingindo o seu objetivo, produz uma plena convicção do chamado. Segundo este autor, a pessoa não encontra a paz interior enquanto não cede a essa força interna e aceita o chamado. O vocacionado não pode ser frio e indiferente à obra de Deus, mas sua compulsão interior deve motivá-lo a servir na obra de Deus.¹¹⁸

O desejo profundo precisa estar no trabalho pastoral e não no cargo. Esse desejo só é qualificado como positivo quando é encarado desta maneira: o desejo pelo servir e não pela posição. Esse desejo deve manifestar-se integralmente desta forma, a ponto de o candidato ser confrontado com a seguinte posição: se consegue viver longe do ministério, que fique; se consegue ser feliz fazendo outra coisa, que faça; mas se Deus o chama, que não recuse.¹¹⁹

¹¹⁶ QUEIROZ, E. Transparência no ministério, p. 36.

¹¹⁷ GUSSO, A. R. Evidências da vocação ministerial. O batista pioneiro, Curitiba, ano 84, n° 11, p. 03, novembro 2010.

¹¹⁸ CÉSAR, K. M. L. Vocação, p. 78.

¹¹⁹ MACARTHUR, J. J. Redescobrimo o ministério pastoral, p. 136.

2.5.3 Reconhecimento da igreja

A igreja tem um importante papel para a confirmação do chamado. A igreja será a mais envolvida com o pastor durante o seu ministério: será ela que vai sofrer o impacto das ideias mirabolantes de cada pastor, é ela que sofre as perdas ou recebe os ganhos do ministério pastoral. Por isso, Deus confiou à igreja esse papel tão importante neste processo. A igreja precisa reconhecer o chamado pastoral no indivíduo, é a igreja que convida o pastor para servir, é a igreja que ordena o pastor, é a igreja que precisa impor as mãos sobre ele.¹²⁰

A igreja reconhece os que são verdadeiramente chamados por Deus. Essa percepção é devido aos frutos do trabalho que o indivíduo realiza; mesmo aqueles que não perceberam o chamado de Deus, podem ser facilmente identificados por seu testemunho de vida, por suas atitudes e pelos frutos do seu ministério.¹²¹

Esta é uma das formas que Deus usa para a confirmação do chamado. Ao comentar o texto de 1Tm 4.14, Edson Queiroz afirma que a imposição de mãos citada nesta passagem é uma motivação para a pessoa que está envolvida na igreja, e percebem-se claramente os resultados do seu trabalho, para que ingresse no ministério. E ele continua, citando Gladden, que afirma que a convicção do chamado deve ser submetida à aprovação dos irmãos em Cristo, e esta aprovação é efetuada pela igreja.¹²²

MacArthur, citando Spurgeon, apoia essa teoria. A vontade de Deus com relação a um chamado pastoral é conhecida mediante o julgamento da igreja, há uma necessidade de que o seu dom seja provado, que sua pregação seja aceita pelo o povo de Deus. Muitos candidatos ao ministério têm receio de submeter a confirmação do seu chamado à aprovação da igreja, por não confiarem nela. Observa-se que muitas igrejas julgam segundo a carne, em muitas igrejas pode não haver sabedoria, apesar disso é melhor confiar uma decisão tão importante ao povo de Deus do que à própria opinião. Portanto, é muito importante que o candidato submeta-se à decisão da igreja, pois o mesmo só será um pastor se esta o reconhecer como tal.¹²³

Fisher concorda com esse papel da igreja e acrescenta que o chamado interior, ou seja, a consciência de que se é chamado por Deus, precisa receber uma confirmação exterior. O

¹²⁰ HANSEN, D. *Arte de pastorear*, p. 39.

¹²¹ QUEIROZ, E. *Transparência no ministério*, p. 47.

¹²² *Apud Ibidim*, p. 39.

¹²³ *Apud* MACARTHUR, J. J. *Redescobrimo o ministério pastoral*, p. 130.

convite de uma igreja para um candidato ao ministério é essa confirmação exterior é quando o chamado assume uma forma, essa experiência fornece evidências exteriores que confirmam que o chamado interior, a consciência do chamado, é genuíno.¹²⁴

2.5.4 Autoridade espiritual

O verdadeiro chamado de Deus é capacitado com o poder do Espírito Santo, assim como todo cristão, esse, porém de maneira um pouco diferente. Essa capacitação resulta em frutos ministeriais. Em decorrência disto, a igreja respeita a pessoa que tem o verdadeiro chamado. Ele como um líder na igreja local, é seguido naturalmente pelas pessoas. A sua liderança não é imposta ou forçada, mas ocorre naturalmente devido à sua vida ministerial. Isso não significa que não haverá opositores, porque haverá, mas o verdadeiro chamado revestido de autoridade espiritual prevalecerá.¹²⁵

O despertar de Deus para um ministério é uma convocação ao cuidado e responsabilidade. Isso significa que Deus tem intenção de usar o indivíduo como um instrumento. Por isso, do mesmo exige-se uma dedicação completa da sua vida. Uma vida de santidade é muito importante, pois o pecado é um impedimento para o agir de Deus, e também clamar pela plenitude do Espírito Santo para o cumprimento do ministério em nome do Senhor Jesus Cristo.¹²⁶

2.5.5 Visão missionária

Edson Queiroz, que é um grande especialista em missões na Igreja Local, acrescenta essa marca à pessoa que é verdadeiramente chamada por Deus. Segundo ele, a pessoa que é chamada por Deus precisa ter o conhecimento do propósito missionário de Deus para a sua igreja. Chamado ministerial e chamado missionário são inseparáveis. A igreja tem essa missão e os ministros precisam conduzir a igreja segundo a vontade de Deus.¹²⁷

Outra característica é amar o pecador. O chamado por Deus não pode ficar indiferente quanto às necessidades espirituais das pessoas, ao contrário precisa haver neste uma profunda angústia pelas almas perdidas, sua maior vontade deve ser conduzir essas almas até Cristo.¹²⁸

¹²⁴ FISHER, D. O pastor do século 21, p. 120.

¹²⁵ QUEIROZ, E. Transparência no ministério, p. 47.

¹²⁶ *Ibidim*, p. 50.

¹²⁷ *Ibidim*, p. 30.

¹²⁸ CÉSAR, K. M. L. Vocação, p. 79.

2.6 Fugindo do chamado

Jonas era um profeta galileu que nasceu na vila de Gate-Hefer, a sete quilômetros de Jerusalém. Ele viveu no século oito antes de Cristo e profetizou a expansão do Reino do Norte, que estava sob o domínio de Jeroboão II. O seu Pai chamava-se Amitai, contemporâneo dos profetas Amós e Oseias. Jonas não foi um profeta pós-exílico, como interpretam alguns teólogos liberais e nem uma lenda, como dizem os críticos da Bíblia. A historicidade de Jonas é confirmada tanto no Antigo Testamento, quanto no Novo Testamento, e até mesmo citado por Jesus.¹²⁹

Alguns pontos destacam-se sobre a vida deste profeta. Ele é o primeiro profeta transcultural da História. Deus já havia levantado outros profetas para profetizarem para outras nações, mas Jonas é o primeiro enviado especificamente para falar com gentios; é o primeiro missionário estrangeiro a sair da terra natal para anunciar a palavra de Deus a um povo pagão. Jonas é o primeiro profeta a desobedecer a uma ordem de Deus; Jonas é o primeiro que, ao ouvir a voz de Deus, decide fugir, é o único caso que se tem notícia de um profeta que se recusou a cumprir uma missão dada por Deus. Jonas decide não escutar a voz de Deus, cauteriza a sua consciência e foge, busca fazer tudo que é contra a vontade de Deus. E Jonas é o primeiro profeta a ver o resultado positivo, em seu sentido mais completo, de sua mensagem. Ele prega uma mensagem simples de cinco palavras, não queria nem esperava uma resposta positiva, mas, mesmo assim cerca de 120.000 pessoas foram impactadas. É o resultado mais positivo, em termos de respostas, na história da pregação.¹³⁰

No chamado de Jonas percebe-se que ele é um homem a quem Deus fala. A expressão: “veio a mim a palavra do Senhor” (Jn 1.1) é frase que inicia a comunicação entre Deus e o profeta em mais de 100 casos no Antigo Testamento. após esta expressão, normalmente vem a mensagem que o profeta deve proclamar; portanto, Jonas é um profeta que recebe a palavra de Deus para transmiti-la aos homens, Jonas é um meio, um canal e por isso não pode reter a mensagem. O Profeta não cria a mensagem, não é a fonte da mensagem, não escolhe a mensagem nem a quem ela deve ser anunciada; ele é apenas um servo de Deus e da mensagem e o que se requer dele é fidelidade e o cumprimento da missão.¹³¹

¹²⁹ LOPES, H. D. Jonas, p. 36.

¹³⁰ *Ibidim*, p. 38.

¹³¹ *Ibidim*, p. 41.

Jonas recebe diretamente de Deus uma mensagem soberana, clara e urgente, de que deveria advertir a cidade de Nínive das consequências dos seus pecados. O chamado de Deus para Jonas é um chamado inédito e, diante da dificuldade da missão, o profeta precisa de disposição para pregar não só onde ele quer. Jonas não é chamado para pensar, refletir ou questionar, mas chamado para pregar o arrependimento para cidade de Nínive, uma grande cidade dos tempos antigos, uma cidade muito importante, mas ao mesmo tempo muito má, violenta, perversa, cheia de maldades e pecados; Deus estava enviando Jonas para a região mais tenebrosa e assustadora do mundo; para confrontar as pessoas dessa cidade com a realidade do seu pecado.¹³²

Quatro fatos destacam-se na fuga de Jonas. Jonas desafiou a Deus, mesmo conhecendo toda a majestade e grandeza de Deus, Jonas desobedece, isso mostra que a sua teologia estava em desacordo com a sua vida prática, por isso Jonas é um homem que vive um conflito contraditório, ele crê em uma coisa, mas vive outra. Observa-se Deus mandando a tempestade atrás de Jonas, o peixe atrás de Jonas, um verme comer a planta, Deus manda e todos obedecem, mas, quando Deus manda o seu profeta, ele desafia a Deus e foge.¹³³

Jonas tinha disposição, não para obedecer, mas para fugir. O motivo que leva um homem a tentar fugir de Deus é sempre ruim, o método que o homem usa para tentar fugir de Deus é absurdo, pois isto se constitui uma tentativa impossível e as consequências dessa tentativa de fuga são sempre desastrosas. Deus manda Jonas para Nínive, que fica ao leste, mas Jonas tentar ir para Tárzis, que fica a oeste. Três motivos levaram Jonas a escolher essa cidade para tentar se refugiar de Deus: Tárzis era a região mais remota conhecida pelo mundo da época, o ponto final dos navios, cerca de 4000 km de distância de Jope, a viagem para lá durava em torno de um ano, Jonas pensava que estava saindo da jurisdição do Senhor, estava indo na direção contrária à vontade de Deus e da sua missão. Em segundo lugar, porque em Tárzis a palavra de Deus não tinha chegado, o mensageiro da Palavra estava fugindo da Palavra, uma atitude declarada de rebeldia contra Deus e sua vontade. E em terceiro lugar, porque Tárzis é uma cidade muito próspera na área da mineração, assim o objetivo de Jonas era fugir de Deus e começar uma nova vida, em um lugar próspero onde Deus e sua palavra não o incomodariam.¹³⁴

¹³² LOPES, H. D. *Jonas*, p. 42-43.

¹³³ *Ibidim*, p. 44.

¹³⁴ *Ibidim*, p. 44-46.

O terceiro fato curioso que cerca o chamado de Jonas são as coincidências que aconteceram em sua fuga. Quando Jonas sai da sua vila, que ficava em uma região montanhosa, e desce para o litoral, na região de Jope, e encontra um navio que ia para Tárasis, ele tem dinheiro para a passagem, há um lugar para ele no barco e ele embarca com segurança, em seu pensamento tudo estava dando certo. Nem sempre quando as coisas estão dando certo na vida é um sinal de que Deus está se agradando do que está acontecendo, e o contrário também se aplica, nem sempre as dificuldades são um sinal de que Deus é contra o que está acontecendo.¹³⁵

O quarto e último destaque na fuga de Jonas é a sua descida na vida ao fugir do chamado de Deus. Primeiro, Jonas desce de Gate-Hefer, uma região montanhosa, para Jope, um litoral, depois Jonas desce de Jope para o navio e depois, ao entrar ao navio, ele desce ao porão; do porão do navio ele desce ao fundo do mar, ele desce para as regiões ainda mais profundas e de lá desce ao ventre do peixe. Quem tentar fugir de Deus faz uma escalada ao contrário, vive em contínua descida. Desobedecer a Deus é trilhar um caminho descendente, acaba de abismo em abismo até chegar ao fundo do poço.¹³⁶

À luz da Bíblia, o homem não tem nenhuma razão para fugir do chamado que Deus lhe faz nem mesmo pode fazê-lo por muito tempo, como se observa no caso de Jonas. Ao contrário de fugir, o vocacionado precisa sentir o privilégio de servir a um Deus tão poderoso e com propósitos maravilhosos, isso lhe deve ser por motivo de muita gratidão. Como afirma César “A vocação divina é eficaz. Plenamente eficaz. Irreversivelmente eficaz.”¹³⁷

2.7 Confirmação do chamado

O chamado de Gideão mostra uma situação especial na história do Israel antigo. Na conversa entre Gideão e o anjo do Senhor, pode-se entender o que o povo estava passando. Eles estavam sofrendo ataques contínuos, principalmente na época da colheita, dos midianitas. Esses constantes ataques fizeram com que Israel entrasse em uma grande crise econômica, que enfraquecia o poder de reação mediante os ataques.¹³⁸

Gideão estava malhando trigo quando o anjo do Senhor lhe apareceu e saudou-lhe dizendo “o Senhor está contigo”. No pensamento de Gideão, pairava a ideia: se o Senhor é comigo, como pode permitir a opressão do midianitas? Mas essa saudação fazia parte da preparação do

¹³⁵ LOPES, H. D. Jonas, p. 46.

¹³⁶ *Ibidim*, p. 47.

¹³⁷ CÉSAR, K. M. L. Vocação, p. 72.

¹³⁸ SOUZA, A. B. Vocação e espiritualidade no Antigo Testamento, p. 35.

chamado que Deus tinha para a sua vida. Após esse diálogo, Gideão entende as palavras do anjo como um chamado. Gideão era um homem simples, com uma origem modesta e sem a intenção de ser líder em Israel. Deus, porém, o anima e promete a libertação de Israel através de suas mãos.¹³⁹

O pano de fundo do chamado de Gideão é o sofrimento do povo, e não somente do povo, mas ele também estava sofrendo com os ataques do midianitas. O chamado dele é específico, é para uma liderança militar, para vencer as forças midianitas e livrar Israel dos constantes ataques.¹⁴⁰

A primeira confirmação do chamado de Gideão encontra-se no sacrifício que ele oferece ao anjo do Senhor. O objetivo deste sacrifício é servir de sinal e garantia. Aqui Gideão reconhece a sua missão e quem o está convocando.¹⁴¹ Gideão, até então, não estava tranquilo nem seguro quanto ao seu chamado, ele precisava de mais confirmações, era o lado humano de Gideão relutando. Ele então faz a prova da lâ na eira e Deus confirma o seu chamado as duas vezes e da forma que ele pedia. Parece que Gideão queria se certificar de que não eram coincidências. Solucionadas as suas dúvidas, Gideão parte para cumprir a ordem divina, mas não está tudo resolvido, pois antes da batalha ele ainda vai pedir mais um sinal.¹⁴²

A fé de Gideão não era constante. Mesmo após um rigoroso processo de seleção feita por Deus, que reduziu o exército de Gideão de 32000 homens para 300 homens, confirmando que a vitória seria dada por Deus e não por um numeroso exército; mesmo acompanhado de uma certeza absoluta de vitória, prestes a atacar os midianitas, Gideão tem o chamado fortalecido, mais uma vez. Acompanhado por seu servo, Gideão aventura-se a ir o mais próximo possível dos midianitas. Ele então ouve a sentinela contando o sonho para outro companheiro, e sonhos neste período eram considerados muito importantes para saber a vontade do Senhor; após ouvir o sonho e também a sua interpretação vinda da boca dos seus próprios inimigos, Gideão encontrou a certeza final que tanto procurava, com isso adorou a Deus com muita gratidão e em seguida voltou ao seu acampamento e compartilhou com todo o grupo a convicção de que a vitória seria completa.¹⁴³

¹³⁹ CÉSAR, K. M. L. *Vocação*, p. 69.

¹⁴⁰ SOUZA, A B. *Vocação e espiritualidade no Antigo Testamento*, p. 36.

¹⁴¹ *Ibidim*, p. 44-45.

¹⁴² CÉSAR, K. M. L. *Op. Cit.*, p. 70.

¹⁴³ CUNDALL, A. E. *Juízes e Rute*, p. 106-109.

Por que Gideão precisou fazer tantos testes para ter certeza de que era chamado por Deus? Não bastava o fogo consumindo a oferta sobre o altar? Por que precisava insistir com a experiência da lã? Como há um contraste entre a obediência ao chamado de Gideão tão relutante, e outros que obedeceram tão prontamente como Noé, Abraão, Isaías, Daniel, os doze discípulos, Paulo, Barnabé e tantos outros.¹⁴⁴

Conforme os fatos citados, Gideão pode ser julgado por sua inconstância e falta de fé, como o possível motivo que o levou a pedir tantos sinais.¹⁴⁵ Mas, se o assunto for abordado de um ponto de vista prático, é melhor que as dúvidas com relação à convicção de chamado sejam sanadas antes de o indivíduo adentrar à missão para ele designada, do que o mesmo entrar e cheio de dúvidas e incertezas e logo depois desistir do chamado. O exemplo de Gideão nos mostra que Deus é paciente e compreensivo, mesmo em meio a tanta hesitação e pedidos de sinais¹⁴⁶, e que sua vontade soberana se cumprirá, por isso pedir confirmações de Deus para o chamado é fundamental para um ministério eficaz.

¹⁴⁴ CÉSAR, K. M. L. Vocação, p. 72.

¹⁴⁵ *Ibidim*, p.72.

¹⁴⁶ *Ibidim*, p.72.

III – CONSEQUÊNCIAS DO CHAMADO

O presente capítulo tem por objetivo discorrer sobre o que acontece com a pessoa que aceita o chamado. O que essa pessoa vai enfrentar, o que a espera depois de dizer “sim” para Deus, depois de terminar o seu curso de teologia. Tudo isso e mais alguns fatores são considerados como consequências do chamado e recebem a atenção agora.

3.1 As Lutas

Uma das primeiras lutas enfrentadas pelos candidatos ao ministério é a relação entre teoria e prática. Hoje muitos seminários tentam diminuir essa distância, mas ela ainda existe. Durante o preparo para o chamado, o aluno chega ao seminário com suas convicções ardentes em seu coração, mas, quando confrontado com as mais diversas teorias, tais convicções podem diminuir. Quando se depara com as realidades do ministério, percebe-se que nem todos os seus ideais, teorias e teologias são suficientes, diante das realidades pessoais do ministério. Essas teorias e teologias precisam servir a essa realidade e nem sempre explicá-las.¹⁴⁷

Os seminaristas recém-formados acabam descobrindo, em algumas situações, que o ministério não é um empreendimento espiritual, assim como esperavam, mas a aparência do ministério está mais para a administração de um negócio secular. A agenda fica cheia de reuniões para discutir questões financeiras, planejar a divulgação da igreja, resolver problemas com os funcionários e ouvir as queixas dos membros. E os estudos? As discussões teológicas? A vida devocional? Será que haverá tempo para essas coisas? Ou mesmo para a verdadeira missão da igreja?¹⁴⁸

Outra luta enfrentada pelos pastores é a crítica. O ministério incomoda algumas pessoas, pois nele a Palavra de Deus é pregada e lhes desafia a mudarem de posição, mas muitos preferem ficar confortavelmente onde estão, e isso gera a crítica ao ministério. A comparação com o antecessor, a comparação com os ministérios vizinhos, tudo isso pode gerar muitas críticas.¹⁴⁹

Fisher apresenta outra luta no ministério, que é o enfraquecimento da visão daquilo que Deus está fazendo. Com o passar do tempo, a repetição diária dos trabalhos, a administração da igreja, a rotina eclesial, a agenda pessoal e muitas outras coisas cotidianas contribuem

¹⁴⁷ FISHER, D. *O pastor do século 21*, p. 134.

¹⁴⁸ CARTER, J. E. *Ética ministerial*, p. 26.

¹⁴⁹ FISHER, D. *Op. Cit.*, p. 141.

para isso. Diante disto, esquece-se do que Deus faz, e exige-se Dele mais do que se pode ver, e pede-se que a batalha seja menor do que a guerra. Em meio a essa luta, algo que prejudica é a indiferença da igreja, que não reconhece nem valoriza o seu ministro, assim muitos ministros ficam com a visão obscurecida, há um progresso do Evangelho onde eles estão, mas os próprios não veem e questionam se a sua presença em uma determinada comunidade é realmente necessária.¹⁵⁰

Há momentos no mistério, em que este parece estagnado e estéril. É quando as pessoas não respondem aos apelos, quando as palavras de um aconselhamento caem em um coração endurecido, quando nada de novo acontece. Esta é uma luta muito difícil a ser superada. Fisher defende que esses momentos são necessários, ele os chama de “experiência no deserto”, que moldam o coração do pastor e dão uma reformada compreensão do ministério, segundo ele, mesmo em momentos assim, Deus está presente.¹⁵¹

O mundo pós-moderno proporcionou um ambiente hostil para a fé cristã, que somado à responsabilidade de transmitir a verdade divina, tem exposto os ministros de uma maneira nunca antes vista, sendo o resultado dramático. Pastores abandonando o ministério frequentemente, igrejas despedindo pastores, o fracasso moral tem se espalhado, e nunca registram-se tantos casos de infidelidade conjugal entre líderes de ministério como hoje. Muitos estão desanimados, deprimidos, sentindo-se frustrados. O ministério pastoral em 1995, foi considerado a profissão mais frustrante dos Estados Unidos; os pastores estão com elevados índices de estresse, nível crescente de depressão e muita ira interna. Aparentemente a igreja não tem escutado o clamor dos seus ministros; ao invés de se tornarem uma ajuda para solucionar o problema, elas contribuem para aumentá-lo.¹⁵²

O ativismo é outra realidade no ministério pastoral. Cada pastor tem como desafio cumprir uma lista intensa de importantes tarefas. São reuniões, responsabilidades administrativas, o aconselhamento dos membros. Essas tarefas são fundamentais, mas em uma escala de prioridades, são secundárias, pois a parte principal do chamado de Deus é a oração.¹⁵³

¹⁵⁰ FISHER, D. O pastor do século 21, p. 141 e 144.

¹⁵¹ *Ibidim*, p. 145.

¹⁵² *Ibidim*, p. 170.

¹⁵³ HAYFORD, J. Pastores da promessa, p. 15.

3.2 Segurança e insegurança

O chamado de Deus para Abraão começa com uma exigência: ele deveria sair da sua terra. O desafio para Abraão estava em abrir mão de viver em uma cidade grande, requintada e que estava no auge da sua civilização. No Antigo Oriente, quando se falava em Ur, teria o mesmo efeito nos dias atuais se mencionadas cidades como New York, São Paulo, Londres, ou qualquer grande centro urbano, ou seja, Ur era uma cidade difícil de deixar para trás. Mas Deus havia prometido para ele outra terra, que não é especificada no momento, mas depois torna-se evidente que é Canaã. Nessa região havia boas cidades, mas nenhuma tão desenvolvida como Ur, nada que se lhe comparasse, por isso a decisão de Abraão foi confiante na promessa de Deus.¹⁵⁴

O chamado de Deus para Abraão foi um tanto difícil. Para aceitar este chamado ele deveria renunciar às certezas do presente e enfrentar de forma obediente as incertezas do futuro. Aos olhos humanos estava deixando o certo pelo duvidoso, e o texto de Hb 11.8 confirma que saiu sem saber para onde ia. Porém, seguiu tudo isso com convicção.¹⁵⁵

A humanidade dos líderes escolhidos por Deus é uma realidade destacada em toda a Bíblia. Moisés, cheio de dúvidas pediu que Deus passasse a missão para outro; mais tarde pensou ser o único capaz de ser um juiz para o povo de Israel, mas recebeu a orientação do seu sogro; em outra situação desobedeceu a Deus; ao invés de falar, ele bateu na rocha; esta falha foi o motivo dele não ter entrado na Terra Prometida; ele não era diferente do último ser humano que atravessou o Mar Vermelho, era apenas um ser humano, que Deus escolheu para realizar uma importante função.¹⁵⁶ Fisher afirma: “O ministério sempre e em todos os lugares é uma combinação de alegria ascendente e sofrimento excruciante”.¹⁵⁷

Paulo apresenta-se como prisioneiro de Cristo. Esta expressão se torna contrastante, pois ao mesmo tempo que isso para ele é motivo de celebração e alegria, também é motivo de muita angústia. O ministério, para Paulo, é uma luta de vida ou morte.¹⁵⁸

Fisher apresenta a importância de o ministro entender que ele não é o Espírito Santo, de que não é ele que convence as pessoas do pecado, não é o ministro que transforma vidas. O seu

¹⁵⁴ LONGMAN, T. Como ler Gênesis, p.154.

¹⁵⁵ GOMES, I. C. F. Gênesis, p. 120.

¹⁵⁶ FISHER, D. O pastor do século 21, p. 163.

¹⁵⁷ *Ibidim*, p. 171.

¹⁵⁸ *Ibidim*, p. 129-130.

papel consiste em pregar o Evangelho e deixar os resultados por conta da ação do Espírito Santo. Ao ficar ciente desta realidade, a pressão sobre o ministro diminui, pois entende-se que a Obra é de Deus, a igreja é de Cristo e o Espírito Santo é soberano. Há a responsabilidade, pois Deus confia a igreja aos seus ministros, mas qualquer atividade divina que aconteça, ou que precise acontecer, é a manifestação da graça de Deus. O ministro é um vaso de barro, por isso quando o Evangelho funciona é um milagre, pois este depende de Deus, uma vez que seu trabalho e energia são insuficientes se este não confia em Deus.¹⁵⁹

As incertezas do ministério são os principais desafios a serem enfrentados por um seminarista recém formado. Esta constatação é o resultado de uma pesquisa realizada entre seminaristas. Estas incertezas estão relacionadas principalmente com o que se espera dele, ou seja, a expectativa da primeira igreja, que ele vai ministrar; não há um padrão sobre o que ele deve ou não fazer, assim a identidade ministerial é formada de acordo com a satisfação da primeira igreja em que ele iniciar o seu ministério.¹⁶⁰

Mesmo diante das incertezas, o recém-formado obreiro tem o mesmo valor diante de Deus como os experientes, talvez não para algumas igrejas, que procuram obreiros com alguns anos de ministério. Porém, o obreiro novato deve estar muito atento ao que a Bíblia diz. O Salmo 119.100 chama atenção para o fato de que aquele que obedece os ensinamentos de Deus é mais sábio que os idosos. Paulo também escreveu ao jovem pastor Timóteo que ninguém o desprezasse por ser jovem (1Tm 4.12).¹⁶¹ O ministério pastoral pode trazer insegurança, mas a busca por princípios bíblicos sempre traz segurança em qualquer situação. Por serem recém formados, os obreiros iniciantes nem sempre aplicam os princípios bíblicos ao seu ministério, situação que pode trazer sérios transtornos.

3.3 A relação do pastor com a igreja

Uma das formas de um indivíduo cumprir o seu chamado é por meio do serviço a uma igreja. Esta igreja irá remunerá-lo com um salário e, conseqüentemente, esperará em troca algum tipo de serviço ministerial; sendo assim, como interpretar o relacionamento de uma pessoa separada por Deus para ministrar a uma comunidade, como a igreja?¹⁶²

¹⁵⁹ FISHER, D. *O pastor do século 21*, p. 174.

¹⁶⁰ CARTER, J. E. *Ética ministerial*, p. 26.

¹⁶¹ Da mesma forma Paulo orientou para que não se impusesse as mãos precipitadamente (1Tm 5.22).

¹⁶² CARTER, J. E. *Op. Cit.*, p. 27.

A lealdade do pastor, evidentemente, deve ser prioritariamente a Deus. Porém, essa leal devoção não pode ser usada como desculpa para o pastor se esquivar de algumas obrigações ministeriais, posto que responsabilidades e compromissos acompanham o ministério. O chamado aplica-se no meio do povo de Deus, em uma igreja local. Carter afirma que “Não se pode servir a Cristo sem servir as pessoas, pois servir pessoas é servir a Cristo (Mt 25.31)”.¹⁶³

O relacionamento entre o pastor e os membros da igreja é algo de muita importância. Como os membros veem o pastor? Como um amigo ou como um inimigo? O pastor deve se tornar um amigo, que se preocupa, se alegra, se entristece, que compartilha a vida com eles e não um inimigo, ao qual eles precisam resistir e cujos ensinamentos e métodos devem ser questionados.¹⁶⁴

Quando o apóstolo João escreve sua primeira carta, deixa transparecer um relacionamento muito carinhoso no qual seguidamente usa o termo filhinhos (2.1,12,14,18,28; 3.7; 3.18; 4.4; 5.21) ou amados (2.7; 3.2,21; 3.21; 4.1,7,11) para se referir aos seus destinatários. Judas de igual forma usa o termo amados (1.1,3,17,20) na sua carta. Destes dois exemplos já se pode concluir que o pastor deve desenvolver um relacionamento bom e cuidadoso com seus membros, trazendo-lhes sempre palavras de conforto, consolo e ânimo.

O bom relacionamento entre o pastor e os membros da igreja deve ser cultivado no dia a dia do ministério. Esses relacionamentos são construídos e tornam-se duradouros durante as atividades normais, como, em sepultamentos, visita a enfermos, consolo às famílias, em realização de casamentos. Os pastores participam da vida das pessoas de um modo geral, e podem assim desenvolver bons relacionamentos.¹⁶⁵

No relacionamento de Paulo com a igreja em Corinto, percebe-se o quanto pode ser conturbado o relacionamento de um pastor com a sua igreja. Esta igreja rejeitou a liderança de Paulo, apresentando os seus motivos, desvalorizou a sua mensagem e recusou qualquer tentativa de reconciliação, mesmo assim Paulo lhes escreveu cartas e fez várias visitas. Quando nada parecia funcionar, Paulo envia Tito, a igreja se arrepende e, na segunda carta aos Coríntios, Paulo expressa a sua alegria. Neste contexto pastoral, observam-se os dois lados do ministério a tristeza e a alegria.¹⁶⁶

¹⁶³ CARTER, J. E. *Ética ministerial*, p. 28.

¹⁶⁴ *Ibidim*, p. 105.

¹⁶⁵ *Ibidim*, p. 26.

¹⁶⁶ FISHER, D. *O pastor do século 21*, p. 125.

Os membros de uma igreja esperam um bom acompanhamento pastoral, principalmente nas horas de crise; desejam também que o pastor os apoie na evangelização dos parentes e amigos. A área de atuação na igreja é bastante abrangente em consequência desta abrangência, surgem vários problemas e desafios, como, ativismo, problemas de relacionamento com os membros, pouco tempo para família e quando presente cansado, a dificuldade para manter a vida devocional, a necessidade de atualização, ou seja, continuar estudando, fazendo outros cursos e participando de congressos.¹⁶⁷

Em muitas situações, pode ocorrer um conflito de expectativas, tanto por parte do pastor, como por parte da igreja. A essas situações surge a necessidade de reajustar as expectativas, através de um relacionamento mais pessoal com Deus e com a igreja.¹⁶⁸

Deus chama pastores para edificar e manter a igreja. Mesmo que as diversas atividades do ministério deem a oportunidade ao pastor de utilizar os seus talentos e habilidades, o trabalho realizado por ele é um meio para se alcançar o propósito divino, o pastor é apenas um instrumento. O seu objetivo deve ser fazer a Igreja de Cristo crescer em todos os aspectos.¹⁶⁹

3.4 Bênçãos de um chamado genuíno

O chamado de Deus a uma pessoa não obriga Deus a suprir todas as necessidades materiais desta. A promessa de recompensa de Deus está na eternidade, a vida eterna com todos os seus benefícios e qualidades.¹⁷⁰ Mesmo assim, alguns benefícios acompanham aqueles que são verdadeiramente chamados por Deus.

Deus tem em grande consideração os pastores, na Bíblia encontra-se a relevância deste ministério. Hayford afirma que “é um cargo elevado no livro dos céus”. O pastor é recompensado pela alegria de poder ministrar nas necessidades mais profundas das pessoas e por causa disto se torna o alvo do afeto daqueles que recebem a ministração. Aos pastores é confiada a missão de transmitir as verdades do Evangelho, ocupando toda a sua vida com isso.¹⁷¹

O chamado permite o privilégio de trabalhar com o tesouro incomparável do Evangelho, de trabalhar com vidas, com pessoas de valor infinito pelas quais Cristo morreu. Isto segundo

¹⁶⁷ LEITE, N. L. C. *Pastoreando pastores*, p. 25.

¹⁶⁸ *Ibidim*, p. 26.

¹⁶⁹ FISHER, D. *O pastor do século 21*, p. 254.

¹⁷⁰ SILVA, E. P. *Dignos de honra*, p. 92.

¹⁷¹ HAYFORD, J. *Pastores da promessa*, p. 17.

Fisher, é suficiente motivo de grande alegria para um pastor.¹⁷² Hansen acrescenta que só o fato de levar o amor de Cristo às pessoas e estar com elas, ser requisitado para estar com elas nos momentos difíceis, nos bons momentos e vê-las experimentando o amor e a confiança em Deus, já é uma grande recompensa.¹⁷³

Mesmo diante de tantas lutas e dificuldades, o Evangelho garante o triunfo no ministério. A soberania de Deus, a cruz, a ressurreição vencem todas as forças que oprimem o mundo caído. Do ponto de vista de Deus, a guerra já está ganha, pois Cristo é vitorioso, os obreiros do Senhor utilizam das armas por ele deixadas, que são poderosas, assim o ministério desenvolvido com confiança tem um resultado garantido.¹⁷⁴

O ministério é um trabalho alegre. A carta de Paulo aos Filipenses apresenta a alegria do ministério, mesmo em meio às piores situações. Os motivos para a alegria são muitos como: detectar um progresso espiritual nos membros da igreja; ter a certeza e a confiança de que Deus opera no trabalho realizado, não no tempo almejado pelo ministro, mas Deus modifica as pessoas envolvidas no ministério. As alegrias do ministério se expandem, ao observar que as pessoas reagem positivamente a uma pregação, as vidas transformadas, os casamentos que são salvos mediante a atuação pastoral, na qual Deus opera.¹⁷⁵

O agir irresistível de Deus, através da sua manifestação gloriosa, é quando Deus derrama da sua graça de maneira maravilhosa. É quando a igreja e o pastor estão carentes da graça e Deus a derrama de maneira sensacional. É o culto, onde a presença de Deus é especial e diferente do início ao fim, quando o pastor prega “no espírito”, e a força que Deus concede para ele pregar, vai além de suas capacidades; assim palavras humanas tocam o coração com o poder divino e muitas vidas são transformadas.¹⁷⁶

Não por causa do salário, nem por pastorear uma grande igreja e muito menos por causa do reconhecimento, porque mesmo, o mais dedicado dos pastores não consegue agradar a todos. A bênção da continuidade. Quando o pastor pode observar que aquele membro permanece firme durante anos e quando o pastor pode observar o crescimento espiritual de uma pessoa.

¹⁷² FISHER, D. *O pastor do século 21*, p. 150.

¹⁷³ HANSEN, D. *Arte de pastorear*, p. 191.

¹⁷⁴ FISHER, D. *Op. Cit.*, p. 138.

¹⁷⁵ *Ibidim*, p. 140.

¹⁷⁶ *Ibidim*, p. 152.

Este não é um processo rápido e fácil, às vezes leva anos para chegar a tal conclusão, mas é compensador.¹⁷⁷

A maior recompensa do ministério será na volta de Cristo, mas antes disso ele permite algumas constatações abençoadas, como: a alegria de ver algumas vidas salvas por Cristo, vidas sendo modificadas pelo poder do Evangelho, famílias restauradas e aprendendo a expressar o amor uns pelos outros, crianças crescendo no conhecimento do Senhor, entre outras. Isso pode até animá-lo e enchê-lo de esperança, mas somente na volta do Senhor que poderá receber de fato a coroa gloriosa preparada para os que estão neste ministério.¹⁷⁸

3.5 Um alerta geral

O trabalho ministerial integral é um sonho para alguns recém-convertidos que sentem o chamado de Deus para tal obra; no entanto com o passar do tempo encontram-se inúmeros obreiros frustrados com tudo que envolve um cargo ministerial. Todo o romantismo eclesiástico, toda a vida de dedicação, dão lugar ao cansaço e à amargura. Manter um ministério saudável por muitos anos é uma tarefa muito difícil e que poucos conseguem atingir.¹⁷⁹

Um recente relatório, divulgado pelo Conselho de Igrejas Presbiteriana de Língua Portuguesa nos Estados Unidos, constatou que cerca de 1500 pastores abandonam o ministério mensalmente naquele país. Para a psicóloga Janaína Moura, tanta frustração é o resultado do processo de formação em massa de líderes e obreiros; as igrejas neo-pentecostais tem acelerado o processo e encarado o assunto simplesmente como uma profissão e não como chamado de Deus.¹⁸⁰

Janaína Moura apresenta ainda mais motivos para esse abandono. Segundo essa psicóloga, jovens despreparados são as causas de muitas dessas frustrações; ela concorda que Deus usa jovens para serem grandes líderes e cita os exemplos de Davi, José e Timóteo. Os jovens têm seriedade e devoção, mas lhes falta maturidade e constância, a falta destas características são peculiares para essa faixa de idade. Janaína afirma, categoricamente, que um jovem de 20

¹⁷⁷ SANCHES, J. O. *A recompensa do pastor*. Disponível em <http://batistas.com/index.php?option=com_content&task=view&id=270&Itemid=42&el_mcal_month=3&el_mcal_year=2010>. Acesso em: 25 abr. 2011.

¹⁷⁸ *Ibidim*.

¹⁷⁹ FRUSTRAÇÃO Ministerial. Rio de Janeiro, 05 abr. 2011. Disponível em <http://www.elnet.com.br/igreja_interna.php?materia=3196>. Acesso em: 05 abr. 2011.

¹⁸⁰ *Ibidim*.

anos não poderia assumir um ministério, pois está em uma idade de formação de identidade. E por fim ainda cita o isolamento, a dificuldade que o pastor tem de confiar em outros, que para ela é a influência da competitividade do mercado de trabalho que entrou na igreja, formando profissionais do púlpito, que se frustram quando os resultados não aparecem.¹⁸¹

Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos revela dados alarmantes: 90% dos pastores trabalham entre 55 e 75 horas por semana, é uma situação de esgotamento máximo e somente 50% dos pastores têm cumprido os seus anos no ministério. A pesquisa mostra que 50% dos graduados em teologia pelos seminários, só permanecem no ministério por no máximo 5 anos. Confirmando a pesquisa anterior, essa apresenta uma desistência do ministério de cerca de 1200 pastores por mês, cujos são os mais variados: tensão no relacionamento com a igreja, problemas familiares e falhas morais. O divórcio em casais pastorais cresceu 67% nos últimos 20 anos e 94% dos pastores sentem a pressão de ter a “família perfeita”. Os números também mostram que 71% dos pastores dizem ter problemas financeiros e que 67% das esposas de pastor dizem não estarem satisfeitas com o seu casamento e ainda 33% dos casais pastorais sofrem tensões causadas pela grande quantidade de trabalho. Mais de 90% levam para casa os problemas do ministério e ainda 75% dedicam menos que uma noite por semana para a sua família e amigos. Que o ministério afeta negativamente as famílias pastorais foi a afirmação de mais de 80% dos pastores e cerca de 70 % dizem não ter nenhum amigo íntimo em que possam confiar. Por fim, 97% dos pastores dizem que não foram preparados adequadamente para enfrentar os assuntos encontrados na Igreja.¹⁸²

No Brasil ainda não foram realizadas pesquisas nestas áreas, por isso os números não são precisos, mas estima-se que para cada igreja aberta existem muitas outras fechando as portas ou que perderam os seus pastores para o mercado de trabalho. Sérgio Marcos dos Santos aponta algumas questões que favoreceram tal situação: em primeiro lugar o estereótipo dos ministros contemporâneos, que são divulgados nos meios de comunicação, contribuem para tal situação. São os “super-pastores” administrando as “mega-igrejas”, realizando as suas cruzadas evangelísticas com uma superprodução tecnológica, prendendo cada vez mais um número maior de ovelhas na frente da TV, que deveriam estar congregando, servindo, tendo comunhão e ajudando a sustentar a igreja local e seus pastores. O segundo motivo é a

¹⁸¹ FRUSTRAÇÃO Ministerial. Rio de Janeiro, 05 abr. 2011. Disponível em <http://www.elnet.com.br/igreja_interna.php?materia=3196>. Acesso em: 05 abr. 2011.

¹⁸² RAZÕES porque você deve orar pelo seu pastor. Disponível em <<http://dumcer-co.blogspot.com/2011/01/razoes-porque-voce-deve-orar-pelo-seu.html?showComment=1302039351684#c4209543292298910462>>. Acesso em: 05 abr. 2011.

consequência do primeiro, o preparo inadequado para o ministério tem colocado nas igrejas pessoas mal intencionadas e que querem usar como padrão de ministério os “super-pastores” televisivos, mundanizados e secularizados, fazendo com que a razão de ser dos seus ministérios seja a fortuna e a fama.¹⁸³

Outros motivos destacam-se, como, a falta de centralização da palavra de Deus, que tem sido substituída por cursos terapêuticos de auto ajuda. Com isso se obtêm resultados fracos; há também os que foram profundamente magoados por membros mal intencionados e ficaram emocionalmente debilitados. Mesmo em meio a tantas dificuldades, destaca-se o remanescente fiel, aqueles que, mesmo com o passar de muitos anos e lutas, continuam encantados pela obra de Deus. Segundo Santos, “não há na sociedade atual um substituto para o pastor”.¹⁸⁴

Outro alerta proposto se refere aos ministérios de curta duração. O ministério pastoral de curta duração acaba gerando muitos problemas para as igrejas. O tamanho da igreja tem se tornado um fator predominante para se determinar o tempo em que o pastor vai passar nela. Quanto menor a igreja, maior a probabilidade de que o pastor vá embora depois de um curto período de trabalho. O autor Dennis Bickers lamenta o fato, pois pesquisas comprovam, segundo ele, que o período mais produtivo do ministério pastoral está entre o terceiro e o décimo quinto ano de trabalho na mesma igreja.¹⁸⁵

Igrejas que mudam frequentemente de pastor se deparam com a dificuldade de depositar confiança no pastor, com isso se cria um ciclo vicioso e altamente prejudicial, a igreja não aceita as sugestões de liderança do pastor, o pastor sente que o ministério não está produtivo e começa a procurar outra igreja para atuar. Quando esse pastor vai embora, a igreja convida um novo pastor e o ciclo se repete. A quebra deste ciclo só ocorrerá quando um pastor ficar tempo suficiente nesta igreja para que se crie uma base sólida de confiança.¹⁸⁶

Bickers aponta alguns motivos que levam o pastor a ficar pouco tempo em uma igreja. Inicialmente ele trata da escassez de sermões; segundo este autor, a média criativa dos pastores para a elaboração de sermões é de cerca de três anos. Após terminar os sermões,

¹⁸³ SANTOS, S. M. Porque os pastores estão perdendo o encanto pela igreja? Viçosa, 10 mar. 2011. Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/por-que-os-pastores-estao-perdendo-o-encanto-pela-igreja>>. Acesso em: 25 abr. 2011.

¹⁸⁴ *Ibidim*.

¹⁸⁵ BICKERS, D. Pastor e profissional, p. 17.

¹⁸⁶ *Ibidim*, p. 18.

pastores vão em busca de outras igrejas. Para essa dificuldade, o autor traz como solução a pregação expositiva, citando como exemplo o Pr. Criswell, da Primeira Igreja Batista de Dallas, que pregou todos os livros da Bíblia começando em Gn 1.1, num processo que durou dezoito anos.¹⁸⁷

Outra dificuldade que influencia essa rápida passagem do pastor pela igreja é a questão financeira. Igrejas pequenas, geralmente, não têm condições financeiras adequadas para sustentar um pastor, com isso o pastor e sua família sofrem algumas precariedades, que o levam a buscar outra igreja que supra as suas necessidades. Para estes, a solução seria um ministério bivocacionado, que diminuiria consideravelmente a pressão financeira sobre o pastor, fazendo com que este permaneça um período bem maior na Igreja.¹⁸⁸ O ministério pastoral de longa duração apresenta muitas vantagens, como, continuidade no trabalho que gera uma liderança forte, o pastor tem mais tempo para entender e atender as necessidades do povo, ele se identifica com a igreja e com a comunidade e essa identificação gera confiança.¹⁸⁹

¹⁸⁷ BICKERS, D. Pastor e profissional, p. 19-20.

¹⁸⁸ *Ibidim*, p. 22-23.

¹⁸⁹ *Ibidim*, p. 24.

CONCLUSÃO

Diante de um assunto tão complexo e abrangente, a presente pesquisa permite algumas conclusões. Tendo em vista que o objetivo do trabalho era detectar o fator comum no assunto chamado, ao final desta pesquisa percebe-se que não foi identificado apenas um fator comum, mas vários fatores que se encontram perceptíveis ao longo da pesquisa e tomam forma nesta conclusão.

No Antigo Testamento, mesmo em meio a tantas experiências diferentes, distribuídas em uma grande quantidade de tempo, pode-se identificar dois fatores principais. O primeiro é a clara valorização da identidade do que é chamado por Deus, ou seja, Deus chama pelo nome. Na definição de relato feita no Antigo Testamento e nos exemplos citados, percebe-se que esse fator aparece na grande maioria dos relatos sobre chamado. O segundo fator comum, presente nos relatos de chamado do Antigo Testamento, é a especificação da missão. Na esmagadora maioria, os relatos de chamado são acompanhados de uma ordem clara e objetiva. Deus chama pessoas com uma missão, Deus tem um objetivo específico para a pessoa chamada, como no Antigo Testamento o chamado se dava através de um diálogo, ou uma visão. Fica evidente, para os leitores atuais e também para os próprios personagens, a missão que deveriam cumprir. Abraão é chamado para ser pai de uma nação, Moisés é chamado para libertar o povo da escravidão egípcia, Gideão é chamado para libertar o povo da opressão midianita, Jonas é chamado para pregar o arrependimento na cidade de Nínive e assim encontram-se nas páginas do Antigo Testamento vários relatos de pessoas sendo chamadas por Deus com um objetivo específico. Entre esses personagens dificilmente se encontrará um que tenha dificuldades sobre o que fazer, geralmente as dificuldades e empecilhos são gerados pela falta de capacidade do mesmo para uma missão ou pela dúvida se o mesmo é a escolha certa de Deus, situação considerada irônica.

No Novo Testamento acrescentam-se os fatores do Antigo Testamento, com mais intensidade ou de forma mais abrangente no que se refere à missão específica, porque os chamados do Novo Testamento têm como missão anunciar as boas novas a todo o mundo, caracterizando-se assim a missão mais abrangente. No que diz respeito à preservação da identidade, esse fator é intensificado no Novo Testamento, porque, além de Jesus chamar os discípulos pelo nome, ele trabalha e molda o caráter e o temperamento de cada um ao longo do seu ministério.

Mesmo que o Antigo e o Novo Testamento apresentem fatores semelhantes, o que ambos destacam nos relatos de chamado é o impacto que causa na vida do chamado, é a unicidade daquele evento na vida do que é chamado, é algo forte e que marca a vida daquele que é chamado para o resto de sua existência. A pesquisa permite concluir que a experiência onde Deus chama um homem para uma obra específica não pode ser considerada apenas mais uma experiência, mas trata-se de algo extremamente marcante, inesquecível e transformador.

Através das características do chamado constata-se a relevância da convicção do mesmo, fator fundamental para o desenvolvimento de um chamado eficaz, que resista às dificuldades e lutas. Outro fator comum de destaque no chamado são, as características que qualificam o candidato ao ministério, pois todos os autores consultados não apresentam aparentes divergências e alistam, na maioria das vezes, os mesmos elementos que precisam ser ressaltados para a identificação de uma pessoa chamada por Deus.

A relutância com relação ao chamado também se faz presente como fator comum. Em alguns casos essa relutância ocorre em grau mais elevado, ao ponto de levar a pessoa a tentar fugir de Deus em outros casos a relutância está em menor grau e resume-se nas dificuldades pessoais apresentadas para aquele que Deus chama. Uma das realidades mais comuns no chamado é a relutância, raros são os casos de rápida e fácil aceitação.

Chamado sem confirmação pode ser duvidoso. O verdadeiro chamado é marcado por uma confirmação autêntica que se constitui a base da convicção que o indivíduo tem com relação ao chamado.

Através das informações em relação às conseqüências do chamado, pode-se concluir que o conhecimento dessas são uma forma de adiantar o que o candidato ao ministério viverá e ver se o mesmo encontra-se disposto a enfrentar todos os desafios propostos ou se contenta com os benefícios que Deus lhe promete. No caso apresentado na pesquisa, a maior recompensa está na eternidade.

Visto que uma das utilidades propostas pela pesquisa é fornecer um material para que a pessoa que se sente chamada por Deus possa ter uma noção do que é o chamado, pode-se relacionar a falta do conhecimento do assunto “chamado” como fator influenciador nos casos de abandono precoce do ministério. Muitos abandonos precoces do ministério poderiam ser evitados, se a pessoa que ingressou no mesmo fosse orientada antecipadamente sobre o que é o chamado e quais as suas conseqüências. Ainda assim, aqueles que são autenticamente

chamados poderiam se prevenir de algumas surpresas que o chamado e o ministério apresentam.

A presente pesquisa foi um protótipo de um assunto proposto chamado “teologia do chamado”, pois na presente pesquisa o assunto “chamado” foi abordado de forma generalizada, com ênfase no ministério pastoral. Tendo em vista a limitação física de uma pesquisa final para um curso de bacharel, propõe-se a ampliação da pesquisa, analisando exaustivamente cada relato de chamado na Bíblia e as características e consequências de chamados nas mais diversas áreas do ministério cristão como: pastoral, missionária, área social, chamados para grupos específicos (crianças, jovens, adolescentes, idosos, etc.). Cada uma dessas áreas mereceria uma atenção especial e um alistamento de suas características e consequências.

Só resiste aos desafios, dificuldades, problemas e tentações enfrentadas no ministério aquele que é realmente chamado. Glória a Deus que chama pessoas, que dá o privilégio da participação na mais nobre tarefa do mundo, ser um ministro do Reino de Deus.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Clifton J. Comentário bíblico broadman: Velho Testamento. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: Junta de Educação religiosa e publicações, 1987. V. 1, 554 p.
- ALLMEN, Jean-Jacques Von. Vocabulário bíblico. Trad. Afonso Zimmermann. São Paulo: Aste, 2001. 621 p.
- ASH, Anthony Lee. O Evangelho segundo Lucas. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Cristã, 1980. 339 p.
- BARROS, Aramis C. Doze homens e uma missão. Curitiba: Luz e Vida, 1999. 338 p.
- BICKERS, Dennis. Pastor e profissional: a alegria do ministério bivocacionado. Trad. Josué Ribeiro. Rio de Janeiro: Textus, 2001. 176 p.
- CARTER, James E. Ética ministerial: um guia para a formação moral de líderes cristãos. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2010. 318 p.
- CÉSAR, Kléos Magalhães Lenz. Vocação: perspectivas bíblicas e teológicas. Viçosa: Ultimato, 1997. 173 p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia: 8. ed. São Paulo: Hagnos, 2006. V. 1 e 3.
- COENEN, Lothar & BROWN, Colin. (Edit) Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. 2. ed. Trad. Gordon Chow. São Paulo: Vida Nova, 2000. V. 1, 1360 p.
- CUNDALL, Arthur E. Juízes e Rute: introdução e comentário. Trad. Oswaldo. São Paulo: Vida Nova, 1986. 301 p.
- ELWELL, Walter A. (Edit) Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã. Trad. Gordon Chow. São Paulo: Vida Nova, 1988. V. 1, 510 p.
- _____. Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã. Trad. Gordon Chow. São Paulo: Vida Nova, 1990. V. 3, 674 p.
- FISHER, David. O Pastor do século 21: uma reflexão bíblica sobre os desafios do ministério pastoral no próximo milênio. Trad. Yolanda Mirsda Krievin. São Paulo: Vida, 1999. 334 p.
- FRUSTRAÇÃO Ministerial: Quando a empolgação vira decepção. Rio de Janeiro, 05 abr. 2011. Disponível em <http://www.elnet.com.br/igreja_interna.php?materia=3196>. Acesso em: 05 abr. 2011.
- GARDNER, Paul. Quem é quem na Bíblia sagrada. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 1999. 674 p.
- GOMES Filho, Isaltino Coelho. Gênesis: bereshîth o livro dos princípios. Rio de Janeiro: JUERP, 2004. 240 p.
- GUSSO, Antônio Renato. Evidências da vocação ministerial. O Batista Pioneiro, Curitiba, ano 84, nº11, p. 03, nov 2010.

HANSEN, David. Arte de pastorear: um ministério sem todas as respostas. Trad. Hope Gordon. São Paulo: Shedd, 2001. 198 p.

HARRIS, R. Laird. (Edit) Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1789 p.

HAYFORD, Jack. Pastores da promessa: enfatizando o caráter e a esperança como a chave da produtividade no pastorado. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Quadrangular, 1999. 312 p.

HORTON, Stanley M. O livro de Atos. Trad. Amantino Adorno Vassão. São Paulo: Vida, 1983. 253 p.

LEITE, Nelson Luiz Campo. Pastoreando pastores: vocação, família e ministério. São Paulo: Cedro, 2005. 88 p.

LONGMAN III, Tremper. Como ler Gênesis. Trad. Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2009. 222 p.

LOPES, Hernandes Dias. Jonas: um homem que preferiu morrer a obedecer a Deus. São Paulo: Hagnos, 2008. 124 p.

LUTZER, Erwin. De pastor para pastor: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2000. 159 p.

MACARTHUR Jr, John. Redescobrimo o ministério pastoral: moldando o ministério contemporâneo aos preceitos bíblicos. 3. ed. Trad. Lucy Yamakami. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. 452 p.

MARSHALL, I. Howard. Atos: introdução e comentário. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982. 397 p.

MORRIS, Leon L. Lucas: introdução e comentário. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1983. 330 p.

QUEIROZ, Edson. Transparência no ministério: como ser um líder segundo o coração de Deus. São Paulo: Vida, 1997. 216 p.

RAD, Gerhard Von. Teologia do Antigo Testamento. 2. ed. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Aste, 2006. 901 p.

RAZÕES porque você deve orar pelo seu pastor: disponível em <<http://dumcerco.blogspot.com/2011/01/razoes-porque-voce-deve-orar-pelo-seu.html?showComment=1302039351684#c4209543292298910462>>. Acesso em: 05 abr. 2011.

RIGGS, Ralph M. O guia do pastor. 3. ed. Trad. João Marques Bentes. São Paulo: Vida, 1980. 268 p.

ROSA, Merval. Psicologia da religião. 2. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979. 250 p.

RYLE, J. C. Meditações no evangelho de Lucas. Trad. Editora Fiel. São José dos Campos: Fiel, 2002. 397 p.

SANCHES, Julio Oliveira. A recompensa do pastor. Rio de Janeiro, 12 jun. 2010. Disponível em: <http://batistas.com/index.php?option=com_content&task=view&id=270&Itemid=42&el_mcal_month=3&el_mcal_year=2010>. Acesso em: 25 abr. 2011.

SANTOS, Sérgio Marcos dos. Porque os pastores estão perdendo o encanto pela igreja? Viçosa, 10 mar. 2011. Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/por-que-os-pastores-estao-perdendo-o-encanto-pela-igreja>>. Acesso em: 25 abr. 2011.

SHIMIDT, Werner H. A fé do Antigo Testamento. Trad. Vilmar Scheneider. São Leopoldo: Sinodal, 2004. 562 p.

SILVA, Ézio Pereira da. Dignos de honra: a igreja e seus obreiros. Londrina: Descoberta, 2000. 159 p.

SOUZA, Ágabo Borges de. Vocação e espiritualidade no Antigo Testamento. Rio de Janeiro: JUERP, 2003. 103 p.

STEIN, Robert. A pessoa de Cristo: um panorama da vida e dos ensinoss de Jesus. Trad. Emirson Justino. São Paulo: Vida, 2006. 285 p.

STOTT, John R. W. A mensagem de Atos. Trad. Marcus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1994. 462 p.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE Jr., William. Dicionário Vine: O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo Testamento. 4. ed. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. 1115 p.

WERNER, Kaschel. Dicionário da Bíblia de Almeida. 2. ed. Barueri: SBB, 2005. 192 p.